

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

SUZANE DOS SANTOS COSTA

Piracicaba - SP

2022

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

SUZANE DOS SANTOS COSTA

Orientador: Prof. Dr. Josué Adam Lazier

Co-orientador: Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP para obtenção do título de Mestra em Educação.

Piracicaba- SP

2022

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP

Bibliotecária: Joyce Rodrigues de Freitas - CRB-8/10115.

Costa, Suzane dos Santos

C837t Psicanálise e Educação na Universidade Brasileira / Suzane dos Santos Costa. – 2022.
101 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Josué Adam Lazier.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Educação, Piracicaba, 2022.

1. Psicanálise. 2. Educação. 3. Campo. I. Costa, Suzane dos Santos. II. Título.

CDD –158.1

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josué Adam Lazier (orientador)
Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar (co-orientador)
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Profa. Dra. Luciana Haddad Ferreira
Universidade São Francisco (USF)

Prof. Dr. Pedro Bordini Faleiros
Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

(Clarice Lispector).

AGRADECIMENTOS

A Thiago Borges de Aguiar, pela confiança em meu trabalho, por me mostrar o caminho da pesquisa em 2016 e por me acompanhar nessa jornada até hoje.

A Josué Adam Lazier pelo acolhimento na continuidade desta pesquisa.

A Pedro Faleiros e Elisabete Monteiro, pelas contribuições no exame de qualificação.

A Pedro Faleiros e Luciana Haddad, pelas contribuições na banca de defesa.

A Marcio Mariguela, pelas indicações de literatura, pela indicação de Elisabete para arguição desta banca e por me fazer buscar meu desejo em análise e fora dela.

A meus pais, por quem eu sou e por todo apoio que sempre deram em minha formação acadêmica e na vida.

A meu Amado Marcos, por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava mais e por nunca deixar de segurar minha mão.

A meus amigos, pela paciência e compreensão nos momentos em que não pude estar presente.

A querida amiga Kauany, pelos anos de partilha da vida, dos sonhos acadêmicos, e pelas conversas de quarta-feira para promover amparo e aconchego, principalmente nos momentos finais dessa pesquisa. Obrigada por me incentivar a continuar na trajetória acadêmica, você sempre será uma parte de minha história.

Aos colegas e professores(as) do PPGE da UNIMEP, principalmente ao Núcleo de Cultura, Filosofia e História da Educação, pela acolhida, convivência, trocas e possibilidade de ampliação do meu olhar para esta pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq -
Brasil, pelo apoio à conclusão dessa investigação.

RESUMO

A presente pesquisa, tem como objetivo, apresentar um panorama das produções de conhecimento entre os campos da psicanálise e da educação no espaço da universidade brasileira. Para tanto, utilizamos o método do paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989) para o levantamento e mapeamentos dessas produções, bem como para a organização do banco de dados desta pesquisa. A revisão de literatura nos mostra um caminho histórico de inserção da psicanálise na universidade brasileira e sua relação com as mais diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, a psicologia, letras, filosofia e a própria educação. A consolidação de uma área e a busca por reconhecimento não somente com os pares, impulsiona a psicanálise no diálogo com essas outras áreas do conhecimento. Isto posto, pensamos na apresentação da consolidação deste campo entre psicanálise e educação, a partir da leitura de Pierre Bourdieu (1998), com sua ideia de que uma área só se mantém ativa, se estiver em diálogo com outras, só assim, alcançará um status de reconhecimento e validade. O panorama apresentado segue um movimento espiral de representação das produções acadêmicas em psicanálise e educação na universidade brasileira hoje, com o foco para as publicações mais recentes – entendidas aqui como nos últimos cinco anos-. Neste momento, também pensamos a apresentação não apenas por territorialidade, programas, grupos, departamentos, mas também, pelos temas produzidos acerca da interseção desses dois campos. Por fim, conclui-se que há a concentração das produções em psicanálise e educação na universidade centram-se na região Sudeste do país, bem como, sua maior parte encontra-se na Universidade de São Paulo (USP). Vale ressaltar que chegamos a esse resultado devido ao critério de tratamento dos dados utilizado, explicado no capítulo terceiro dessa dissertação, o que por sua vez, não apaga as outras pesquisas como sendo não relevantes para área, apenas não couberam no recorte dessa pesquisa. Portanto, pensamos aqui na intersecção desses dois campos, psicanálise e educação, como uma das formas de se pensar as relações e os efeitos por ela produzidos.

Palavras-chave: psicanálise, educação, campo.

ABSTRACT

The present research aims to present an overview of the production of knowledge between the fields of psychoanalysis and education in the space of the Brazilian university. For that, we used the method of the evidentiary paradigm proposed by Carlo Ginzburg (1989) for the survey and mapping of these productions, as well as for the organization of the database of this research. The literature review shows us a historical path of insertion of psychoanalysis in the Brazilian university and its relationship with the most diverse areas of knowledge, such as psychology, letters, philosophy and education itself. The consolidation of an area and the search for recognition not only with peers, drives psychoanalysis in the dialogue with these other areas of knowledge. That said, we think about the presentation of the consolidation of this field between psychoanalysis and education, from the reading of Pierre Bourdieu (1998), with his idea that an area only remains active, if it is in dialogue with others, only then will it reach a recognition status and validity. The panorama presented follows a spiral movement of representation of academic productions in psychoanalysis and education in Brazilian universities today, with a focus on the most recent publications - understood here as in the last five years -. At this point, we also think about the presentation not only by territoriality, programs, groups, departments, but also by the themes produced about the intersection of these two fields. Finally, it is concluded that there is a concentration of productions in psychoanalysis and education at the university centered on the Southeast region of the country, as well as, most of them are found at the University of São Paulo (USP). It is worth mentioning that we arrived at this result due to the data treatment criteria used, explained in the third chapter of this dissertation, which, in turn, does not erase the other researches as not being relevant to the area, they just did not fit in the scope of this research. Therefore, we think here of the intersection of these two fields, psychoanalysis and education, as one of the ways of thinking about the relationships and the effects produced by it.

Keywords: psychoanalysis, education, field.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – A historiografia do movimento psicanalítico e sua entrada na universidade.....	9
1.1 Sigmund Freud e a origem do pensamento psicanalítico	9
1.2 Psicanálise e Ciência no início do Século XX	15
1.3 A entrada na Universidade Europeia	19
1.4 A chegada da psicanálise no Brasil e na Universidade brasileira	25
CAPÍTULO II – Psicanálise e Educação	38
2.1 Rio de Janeiro e a figura de Arthur Ramos	38
2.2 Durval Marcondes e as primeiras publicações da psicanálise na educação ...	42
2.3 As práticas da psicanálise na educação	46
2.4 A constituição de um campo.....	48
2.4.1 – São Paulo e as produções no campo da educação e da psicanálise	48
CAPÍTULO III – Psicanálise e Educação na Universidade Brasileira	55
3.1 Os indícios, o estranhamento, o método	55
3.2 Os procedimentos	56
3.3 Bourdieu e o campo de produção intelectual	57
3.4 O banco de dados e o panorama.....	63
3.4.1 – Caracterização dos grupos de pesquisa.....	63
3.4.2 – Caracterização dos grupos de pesquisa por áreas de concentração	66
3.4.3 – Caracterização das orientações em pesquisa.....	68
3.4.4 – As principais produções do campo da psicanálise e educação na universidade brasileira.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu do desejo de realizar um levantamento acerca das produções em psicanálise e educação produzidas no Brasil nos últimos cinco anos nas universidades brasileiras. Para tanto, foi necessário buscar informações de como se deu a inserção da psicanálise nas universidades brasileiras, para depois pensar no diálogo com a área da educação.

Durante o meu período de graduação em psicologia pude ir percebendo com a participação em eventos extracurriculares, que a psicanálise estabelecia o diálogo com as mais diversas áreas, e que havia um certo número de produções sobre psicanálise e ou que realizavam menção a psicanálise, e que não eram diretamente

No ano de 2017, pude participar de um processo de iniciação científica intitulado de “Referências da formação no desenvolvimento profissional de professores a partir de histórias de vida disponíveis no museu da pessoa”, o qual nos rendeu o 2º lugar destaque de Iniciação Científica e uma participação no VIII CIPA, Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica. Digo isso pois o que mais me motivou nesse processo e motiva até hoje, foi uma reunião que tive com meu orientador Thiago Aguiar, de 3 horas sobre escrita. Foi naquele momento em que pude ver o que é o desejo de ensinar, o quanto um professor está disposto a ajudar e a amparar seus alunos e que - mesmo nas dificuldades enfrentadas - ele se mostrou disposto a enfrentar e a me dizer maneiras de fazer. Isso ficará para sempre guardado em minha memória.

Le Goff (1992) defende que a cultura dos homens com escrita é diferente da cultura dos povos sem escrita, todavia não radicalmente divergente. Os povos sem escrita cultivam suas tradições por meio de narrativas mitológicas, transmitidas às demais gerações pelos homens – memória com personagens responsáveis pelo cultivo da história de seu povo. No entanto, essa prática não lança mão de estratégias de memorização, não é uma prática mecânica, diferentemente da escrita. E Le Goff acrescenta:

transmissão de conhecimentos considerados secretos, vontade de manter em boa forma uma memória mais criadora que repetitiva; não estarão aqui duas das principais razões da vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita (LE GOFF, 1992, p. 426).

E esse processo de escrita, de amparo, de criação do coletivo é singular. Cada transmissão desde 2016 com meu primeiro contato com a pesquisa acadêmica, me trouxe hoje aqui. Uma vez, escutei de uma pessoa muito querida que a escrita é visceral e, às vezes, é necessário escrever para elaborar.

Ainda no mesmo de 2017, cursei uma disciplina oferecida pelo IEL – Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) e intitulada – “*A Linguagem e a Criança na Psicanálise*”, a qual foi o primeiro contato com a psicanálise fora do curso de graduação de psicologia, e foi ali que pude começar a compreender o que é a psicanálise e as diferentes áreas com as quais, ela estabelece um diálogo de pesquisa. Dando assim, seguida a minha caminha acadêmica até a entrada no mestrado em educação, pensando em pesquisar sobre a psicanálise e educação.

Sabemos, assim, que a psicanálise não é considerada um curso de graduação como é o caso da psicologia, mas sim que ela é ensinada e transmitida dentro desses espaços. O questionamento que nos seguiu foi como ela tinha essa força de propagação? Se pensarmos com Bourdieu, podemos dizer sobre um capital simbólico da psicanálise, discutiremos sobre isso no capítulo terceiro desta dissertação.

Lacan forjou o termo "psicanálise em extensão" para se referir a "tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo" (Lacan, 2001 [1967], p. 251), em oposição ao termo "psicanálise em intensão" no tratamento psicanalítico.

Cabe ainda distinguir a psicanálise em extensão praticada na Escola de Psicanálise daquela da prática universitária, para nos perguntarmos o que seria a psicanálise em extensão na pesquisa universitária - assunto que nos detém aqui.

Uma das formas de investigação no campo da psicanálise em extensão consiste na própria experiência de ensinar e supervisionar estágios. Constatamos que os seminários e supervisões obedecem à lógica que indissociável prática e construção de saber. Desde que algo da ordem do não-saber se aloje de forma operativa no âmago de nossa prática, por menos analítica que ela seja, essa prática implica uma investigação. Isso talvez seja um dos efeitos da análise de cada um no seu exercício na universidade.

Mas o que dizer da pesquisa *stritu senso* dos psicanalistas nas universidades? É sempre difícil definir as exigências de um trabalho de pesquisa em

psicanálise porque esta não se orienta pelas exigências do discurso da ciência de reprodução experimental ou mensuração estatística.

O papel da investigação em psicanálise na universidade não é o de transpor suas descobertas para o discurso da ciência. Pelo contrário, diríamos que tentativas nessa linha contrariam a orientação da psicanálise que tem outras prioridades e preocupações epistemológicas, obedecendo a outro ordenamento discursivo. No entanto, um rigor é exigível na elaboração acadêmica do psicanalista.

Essa questão da transmissão em extensão em psicanálise ocupa uma boa parte das produções de pesquisas realizadas por dos psicanalistas, inclusive a forma como a psicanálise é transmitida nos cursos de graduação do Brasil.

Lacan (2001 [1969]), nos apresenta que é preciso observar que no discurso universitário, o saber não apenas ocupa o lugar dominante, como, e sobretudo, é o discurso que visa a acumulação do saber. Ora, a experiência da psicanálise mostra que o saber não se acumula e não tende à totalização, de tal modo que a produção teórica nesse campo não visa preencher uma falha no saber.

Vale dizer que Freud evoca o progresso da ciência que viria elucidar pontos obscuros que sua elaboração. Mas, essencialmente, esse encaminhamento permitiu-lhe avançar deixando em aberto certos pontos que tocam no impossível de saber: a origem, o substrato da libido, a pulsão de morte. Freud indicou a solução científica no horizonte e avançou em outro terreno, com outros instrumentos: seus grandes constructos, dando forma ao obscuro. Assim sendo, ainda que respeitando as normas acadêmicas e atualizando-se em relação ao discurso dominante em seu tempo, a pesquisa em psicanálise na universidade se orienta por outro discurso que não o universitário.

Nos atentando ao objeto desta pesquisa, vale ressaltar, aqui, um breve histórico da chegada da psicanálise no país, como se deu sua entrada na universidade e a maneira como se iniciou a transmissão das ideias freudianas no Brasil e na universidade brasileira.

A chegada da psicanálise no Brasil deu-se, primeiramente, pelos médicos apoiadores da teoria psicanalítica, que viram nela uma possibilidade de diálogo com a própria medicina e como forma de intervenção em outros campos do conhecimento (OLIVEIRA, 2002).

A divulgação da psicanálise no Rio de Janeiro teve como grande incentivador Júlio Pires Porto-Carrero, desde 1919, que iniciou sua clínica em 1923 na Liga

Brasileira de Higiene Mental. Em 1927, foi fundada a primeira Sociedade no Rio de Janeiro, tendo como presidente Juliano Moreira (OLIVEIRA, 2002).

Em São Paulo, a psicanálise foi divulgada na Faculdade de Medicina, inicialmente por Franco da Rocha, seguido de Durval Marcondes, que viria a ser um dos grandes responsáveis pelo estabelecimento da psicanálise no Brasil. Franco da Rocha lançou, em 1920, o livro “A doutrina pansexualista de Freud”. É no âmbito acadêmico que, juntamente com Lourenço Filho e Durval Marcondes, entre outros, é fundada - em 1927 - a Sociedade Brasileira de Psicanálise (OLIVEIRA, 2002).

A entrada da psicanálise no país, então, deu-se por via da medicina e dos médicos que acompanhavam os avanços da teoria psicanalítica. Durval Marcondes, por exemplo, trocou cartas com Freud nos anos de 1929-1933 acerca de sua vontade por espalhar os ideais freudianos pelo Brasil e a forma como poderia realizar tal feitoria (DIVISÃO DE DOCUMENTOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, 2020).

No livro “O método psicanalítico”, de Oskar Pfister o autor começa o texto dizendo que “a psicanálise nasceu no terreno da medicina (...). Mas ela se aprofunda bem mais na estrutura do mecanismo psíquico e busca obter influências duradouras e mudanças firmes nos seus objetos” (PFISTER, 1913, apud FREUD, 1913[1999], p. 340). Como se tratava de uma obra dirigida a educadores, Freud traça paralelos entre os trabalhos do médico, do educador, do pastor e do psicanalista com a sua invulgar abertura de espírito.

No final, ele considera que a responsabilidade do educador é superior à do médico, em função da possibilidade que o primeiro tem de encontrar um “material plástico, sensível a toda impressão” (FREUD, 2006 [1913], p. 343). Mas, nesse ponto, ele aproxima as funções do educador às de um psicanalista, dizendo que o educador “deve impor-se a obrigação de não formar a jovem psique de acordo com seus ideais próprios, mas sim conforme as predisposições e possibilidades inerentes ao objeto” (FREUD, 2006 [1913], p. 343).

Poucos anos depois, ele diria:

[...] haverá ocasião em que o médico [no caso, psicanalista] é obrigado a atuar como educador e conselheiro. Mas isso deve ocorrer com grande cuidado, e o doente não deve ser educado para se assemelhar a nós, mas para liberar e consumir sua própria natureza. (FREUD, 2006 [1919], p. 289).

A proposta de Freud para a sua “jovem ciência” compreende os seguintes elementos integrados: modelo de pesquisa e de tratamento, método e rede conceitual e de vocabulário (FREUD, 2006 [1933]). Ainda que expressamente recusasse a utilização da psicanálise de modo generalizado, como uma *Weltanschauung*. Deste modo, a introdução da psicanálise na formação universitária leva em consideração sua crença na ciência, na psicanálise como ciência e no papel potencialmente transformador da transmissão e do ensino.

Do ponto de vista da universidade, Freud (2006 [1919], p. 378) pergunta “se as universidades estariam dispostas a atribuir algum valor à psicanálise na formação de médicos e cientistas”.

Em caso positivo, ele propõe desdobrar a resposta em três possibilidades de inserção:

1) a psicanálise pode ser instrumentalizada para o ensino da psicologia médica; 2) a psicanálise como propedêutica da psiquiatria; 3) a psicanálise como um novo método de pesquisa clínica, diverso da psicologia médica até então presente no currículo universitário e restrita à “psicologia acadêmica” e à “psicologia experimental” (FREUD, 2006 [1919]).

Na opinião de Freud, a universidade e, particularmente, a escola médica, só teriam a ganhar com a inclusão do ensino da psicanálise em seu currículo. O ensino da psicanálise não se restringiria aos “distúrbios psíquicos”, mas se estenderia aos campos da arte, filosofia e religião, já tendo esclarecido questões, segundo ele, da “história da literatura, mitologia, história das civilizações e filosofia da religião” (FREUD, 2006 [1919], p. 380).

A presença da psicanálise, portanto, se daria com aulas teóricas que permitiriam uma abordagem crítica muito restrita, “pois quase não haveria oportunidade para experimentos ou demonstrações práticas.” (FREUD, 2006 [1919], p. 381). Freud imaginou um efeito fertilizante do pensamento psicanalítico sobre vários campos do conhecimento capaz de criar entre eles uma ligação mais estreita. A indicação seria, portanto, oferecer a psicanálise como curso geral e introdutório tanto para as ciências quanto para as artes e as humanidades, “no sentido de uma *universitas literarum*.” (FREUD, 2006 [1919], p. 381).

Ao pesquisar na plataforma Capes sobre áreas do conhecimento, deparamo-nos com o seguinte e relevante fator: a psicanálise não é considerada uma área do conhecimento para a plataforma. Ou seja, de maneira isolada, ela não existiria como campo de conhecimento, existindo apenas na relação com outras áreas? Se assim

o fosse, como diversas pesquisas foram e são realizadas a partir desse edifício teórico?

Segundo a Capes,

a classificação das Áreas do Conhecimento tem finalidade eminentemente prática, objetivando proporcionar aos órgãos que atuam em ciência e tecnologia uma maneira ágil e funcional de agregar suas informações. [...] A classificação original das Áreas do Conhecimento apresentou uma hierarquização em quatro níveis, que vão do mais geral aos mais específicos, abrangendo 08 grandes áreas, 76 áreas e 340 subáreas do conhecimento. (CAPES, 2021).

Mais adiante no site da Capes, encontramos a divisão reconhecida por eles acerca de áreas do conhecimento, sendo elas:

1º nível - Grande Área: aglomeração de diversas áreas do conhecimento em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos. 2º nível - Área: conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas. 3º nível - Subárea: segmentação da área do conhecimento estabelecida em função do objeto de estudo e de procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados. 4º nível - Especialidade: caracterização temática da atividade de pesquisa e ensino. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas e subáreas (CAPES, 2021).

A agência localiza a Psicologia na Grande Área denominada Ciências Humanas. A Área Psicologia, por sua vez, conta com 45 diferentes subáreas. Curiosamente, não há qualquer ocorrência do termo *psicanálise*, nem dentro nem fora da psicologia, embora haja três PPGs específicos de psicanálise no país reconhecidos pela CAPES. Dois deles são o PPG em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, criado em 1988; e o PPG em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, fundado em 1998. Ambos são avaliados na Área da Psicologia.

A partir desses questionamentos, resolvemos pesquisar quais são os grupos de pesquisa cadastrados pelo diretório de grupos e pesquisas do CNPQ que discutem a temática da psicanálise. Ao realizar essa primeira busca, não encontramos um material já consolidado e, diante disso, resolvemos criar um banco de dados que pudesse fornecer algumas primeiras impressões.

Em um primeiro momento, o banco de dados foi alimentado da seguinte forma: inserimos a palavra-chave “psicanálise” no campo de busca e, posteriormente, a palavra “educação”, visto que esse era nosso questionamento primeiro: a relação entre esses dois campos. A busca resultou em 60 grupos

cadastrados com as palavras-chaves “psicanálise”. Desses sessenta grupos, em apenas 15 constavam as palavras “psicanálise” e “educação” juntas em seu título.

O primeiro questionamento que surgiu a partir dessas pesquisas foi: se a psicanálise não é considerada uma área do conhecimento, como existem grupos cadastrados que discutem essa temática? A partir daí, pudemos percebermos que, de fato, ela – nos trabalhos - encontra-se discutida sempre em relação a alguma outra área, como por exemplo, grupos de psicanálise e educação, psicanálise e linguística, psicanálise e filosofia, entre outros. Tais grupos serão melhor apresentados no decorrer desta pesquisa.

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar e analisar como se dá a inserção da psicanálise na área da educação e quais são os diálogos estabelecidos entre esses dois campos do saber. Esse desdobra-se em objetivos específicos, que são: a) mapear os grupos de pesquisa que discutem psicanálise e educação no Brasil; b) identificar como se dá a inserção da psicanálise na universidade e na universidade brasileira; c) analisar algumas produções acadêmicas desses grupos de pesquisa a fim de compreender que tipo de material está sendo produzido entre esses dois campos atualmente.

Para tanto, a presente dissertação está organizada em três capítulos com subseções.

No capítulo primeiro, “Historiografia do movimento psicanalítico”, apresentaremos, brevemente, a origem da psicanálise e como se desdobrou o seu movimento. A partir desse viés, pensaremos acerca da relação com a ciência, sua entrada na universidade europeia, a chegada no Brasil e, portanto, na universidade brasileira.

No segundo capítulo, “Psicanálise e educação”, apresentaremos uma revisão de literatura acerca dos primeiros momentos de intersecção desses dois campos do saber no Brasil, e nas universidades brasileiras.

No terceiro e último capítulo, “Psicanálise e educação na universidade brasileira”, deu-se a apresentação do panorama das produções em psicanálise e educação, na universidade brasileira dos últimos cinco anos, subdivididas em: Localização, Universidade, Tema e Conteúdo. Para pensar acerca dessas produções, realizamos uma leitura crítica amparados no filósofo francês Pierre Bourdieu (1989), principalmente com os conceitos de *campo social*, *capital* e *illusio*;

a fim de identificar as diferentes nuances dentro desse campo (psicanálise e educação).

CAPÍTULO I – A historiografia do movimento psicanalítico e sua entrada na universidade

Neste capítulo, apresentaremos o levantamento bibliográfico que realizamos para traçar um caminho histórico do primeiro momento de inserção da psicanálise na universidade até a chegada no Brasil e na universidade brasileira. Quais foram os primeiros pensamentos acerca de psicanálise e educação no Brasil e seus principais representantes.

1.1 Sigmund Freud e a origem do pensamento psicanalítico

Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) nasceu em uma família judia, em uma região que hoje pertence à República Tcheca e, ainda pequeno, mudou-se para Viena (ainda Império Austro-Húngaro), que - neste momento - estava criando a ideia de um novo espaço, voltado à ocupação das vias públicas e aos avanços científicos.

Segundo Roudinesco (2016), o período de vida de Freud foi marcado por um cientificismo que aumentava em toda Europa, proveniente das revoluções industriais e das novas descobertas, que surgiram nas diferentes áreas e que fizeram com que a população fosse tomada por esse sentimento de grandeza pelas ciências. O jovem Freud, cresceu nesse contexto cercado pela hipervalorização cultural mundial das artes, literatura, ciência e pelos avanços da medicina e das tecnologias. Um destaque relevante em seu tempo foi denominado pela história como “La Belle Époque” (A Bela Época), que durou da Guerra Franco-Prussiana em 1871 até o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, período de grande desenvolvimento econômico, tecnológico e científico.

Um aspecto a ser considerado é que Freud escreveu no momento de avanço científico, principalmente das concepções da biologia e da medicina. Momento de disseminação das ideias darwinistas na Alemanha, o que por si só já gerava previamente uma expectativa nos jovens de sua, época, para que produzissem o conhecimento científico, no mínimo, na mesma intensidade.

Sigmund Freud entrou para a faculdade de medicina de Viena, em um momento em que essa ciência estava em larga escala de desenvolvimento, e de muitos descobrimentos, como por exemplo o neurônio e os locais do cérebro responsáveis pela faculdade da linguagem. Isso futuramente viria a ser um dos

trabalhos desenvolvidos por Freud no final do século XIX, como é o caso do Tratamento das Afasias (1891), momento em que questionava os limites das explicações dos médicos locais; propondo, assim, uma observação dos mecanismos de produção de significação e de sentido que funcionavam de um modo não consciente.

Consoante Roudinesco (1986), em seus estudos na França com Jean-Martin Charcot, (1825-1893) nos anos de 1855-1856, Freud deparou-se com uma técnica que visava baixar os níveis de consciência e proporcionar um relaxamento do corpo; para que, assim, ele pudesse simular alguns sintomas da histeria, como por exemplo conversões sensoriais (perda de sensibilidade no braço ou perna), ou seja, perturbações sensoriais que não eram explicadas por perturbações nervosas.

Uma melhor compreensão deste, fenômeno por Freud, só foi possível no ano de 1985, como assinalado por Perez (2017, p.22)

As cenas da clínica que naqueles anos apareciam no trabalho junto a Joseph Breuer não eram novas para Freud. A experiência com Jean-Martin Charcot (1825-93) no hospital La Salpêtrière (Paris), no inverno de 1885-86, mostrava um grande catálogo de 4.300 mulheres epiléticas, sem teto, consideradas delinquentes ou decididamente loucas, cujas manifestações fenomênicas deveriam ser reclassificadas e reinterpretadas. A paisagem do hospital recriava o calvário de uma multidão de doentes mentais cujos sintomas eram observados e testados mediante hipnose.

A partir desta construção, podemos constatar, em Roudinesco (2016), um Freud que estava interessado na produção do conhecimento científico, no desenvolvimento de suas hipóteses médicas a nível acadêmico. Porém, em um primeiro momento, ficou marcado por uma espécie de fracasso, devido ao próprio contexto histórico em que estava inserido: época na qual judeus não poderiam ocupar um espaço de *status* social.

Nesse momento, Sigmund Freud decidiu dedicar seus estudos aplicados à sua carreira médica nos atendimentos clínicos, motivado por certo julgamento dos médicos que trabalhavam com ele de que aquilo a que ele estava se propondo a estudar não teria futuro e era infundado cientificamente. A partir destas colocações, Freud tentou repensar sua prática e encontrou um colega chamado Joseph Breuer (1842-1925) também médico neurologista austríaco, o qual marcou o início de uma nova jornada (ROUDINESCO, 1986).

Breuer estava pesquisando uma doença nova e enigmática, pois não se sabia se era uma doença neurológica ou psicológica. Soava como o indizível, aquilo que não era, até o momento, passível de compreensão científica. Nesta mesma época, Breuer estava acompanhando um caso clínico muito conhecido posteriormente como o caso fundador da psicanálise, denominado “o caso Anna O”.

Quanto ao “caso fundador” - Anna O.” -, não passou de uma experiência terapêutica que fascinava Freud, mas que fora conduzido por Breuer. No caso de Bertha Pappenheim, ela jamais aceitou ser Anna O. E jamais as pacientes cujos casos eram relatados ao longo de todos os *Estudos sobre a histeria* reconheceram-se nos perfis que Freud traçara delas, a partir de suas anotações. (ROUDINESCO, 2016, p. 85).

Roudinesco (2016) acrescenta que o caso que deu nome e visibilidade à psicanálise como uma técnica de cura fora encontrado por outra pessoa que não Freud, mas que apenas com a colaboração deste foi possível encontrar ali o que de estranho habitava naquela nova “doença” não explorada anteriormente por ninguém.

O que impressionava Freud em seu estágio no hospital de Paris era que as histéricas tinham sintomas sem causas biológicas, mas também não eram meras simuladoras conscientes de loucura. Com Charcot foi possível isolar e identificar situações complexas ou aporéticas para a terapêutica da época. (PEREZ, 2017, p. 24).

A partir desse momento, Freud e Breuer estudaram “o caso Anna O.” juntos e publicaram sobre esse novo fenômeno denominado “histeria” em um livro chamado “Estudos sobre a histeria” (1893-1895). O mistério da histeria, em 1895, foi o que deu lugar à escuta e à atenção de Sigmund Freud para que pudesse, a partir daí, desenvolver seu método de análise, investigação e tratamento; denominado, assim, de *psicanálise*.

Elisabeth Roudinesco (2016, p. 81-82) nos diz que:

Não surpreende, portanto, que os “Estudos sobre a histeria”, publicados em 1895 por Freud e Breuer, tenha impressionado tanto os escritores, visto que nele a palavra era concedida tanto às pacientes quanto aos médicos, ainda que apenas estes últimos estivessem autorizados a retrair a história de suas pacientes ... As mulheres cujas angústias Freud e Breuer escancararam provavelmente nunca imaginaram que suas histórias - reais ou inventadas - pudessem ser expostas publicamente daquela forma, principalmente se considerarmos que sua ‘doença’ ainda parecia suspeita aos olhos dos representantes da ciência médica: paralisias, contraturas, tiques, alucinações, esgares, angústias, pavor e sobretudo, obsessões sexuais acompanhadas de relatos de traumas e abusos vividos na infância.

Amparando-se na citação acima, se pensarmos no termo “psicanálise” como algo que nomeia uma descoberta, é interessante fazer aqui a reflexão da escolha por esse termo.

Para que esse novo fosse descoberto, algo de encoberto necessariamente estava ali presente. Freud apresenta aquilo que estava velado pelo discurso médico da época como o “*paradigma da mulher histérica*”. Sintomas que apareciam diretamente no corpo - como conversões somáticas - e que exames não eram capazes de explicá-los. A psicanálise pôde escutar o que esses sintomas estavam ali para dizer, um saber não sabido pelo próprio paciente em sofrimento, acerca de si mesmo.

Anos depois, houve um rompimento entre os pensamentos propostos por Freud e Breuer no que tange a direção do tratamento.

Não só por não compartilharem a mesma concepção de abordagem das neuroses, como também, por Freud não suportar ser contrariado por um homem que fora seu benfeitor. Querendo afirmar-se, num momento em que se ampliava sua paixão por Fliess, e incapaz de dominar seu orgulho, ele transformou mais uma vez o amigo íntimo num inimigo. (ROUDINESCO, 2016, p. 87).

Uma das pacientes de Breuer teve em sua transferência fantasias sexuais com seu terapeuta e começou a apresentar sintomas de gravidez. Apavorado com a situação e não querendo abordá-la com Freud, Breuer viaja para Viena em busca de um novo começo para sua carreira médica. Foi, portanto, em um clima conflituoso que Freud atribuiu a Breuer, em março de 1896, a criação de um novo método de exploração do inconsciente: a psicoanálise (ROUDINESCO, 2016).

Em seu texto de 1914, sobre a contribuição à história do movimento psicanalítico, Freud nos diz:

recorda-se que Breuer havia dito, acerca de sua famosa primeira paciente, que nela o elemento sexual era surpreendentemente pouco desenvolvido e jamais contribuirá para seu abundante quadro clínico. Sempre me admirei de que os críticos não opusessem mais frequentemente essa declaração de Breuer à minha afirmação da etiologia sexual das neuroses, e até hoje não sei se devo enxergar nisso uma prova de sua discrição ou de seu descuido. (FREUD, 2006 [1914], p. 251-252).

Aqui se instalou uma das maiores constatações de Freud: se os sintomas se ativam por palavras, seria então porque eles foram instalados por palavras. Se esses sintomas são reversíveis em um abaixamento da consciência, é porque esses sintomas foram formados em um momento de alteração da consciência. E, se esses sintomas são “curados” em uma relação médico-paciente, é porque esses sintomas

foram criados em uma outra relação. Desta forma, ele começou a inferir uma de suas principais hipóteses fundadoras: a de que a alma humana implica uma divisão, que - algumas vezes - tenta ocasionar tentativas de união, solução entre as partes apresentadas e que se denomina por sintomas. Isso, futuramente, gera o conceito fundamental da psicanálise: o inconsciente.

Em seu texto de 1925, *Autobiografia*, Freud relatou que a história da psicanálise se divide em duas partes, segundo ele, duas para além do método catártico. Em suas palavras:

na primeira eu me achava só e tinha de realizar todo o trabalho; assim foi de 1895-6 até 1906 ou 1907. Na segunda parte, dali até o dia de hoje, as contribuições de meus discípulos e colaboradores adquiriram cada vez maior importância, de maneira que agora, advertido do fim próximo por grave enfermidade, posso pensar de ânimo tranquilo na cessação de minhas próprias atividades (FREUD, 2006 [1923-1925], p.142).

Freud marca essa divisão da história do desenvolvimento de sua técnica como de suma importância para chegar a avanços técnicos/teóricos para que, somente assim, pudessem continuar com os avanços. Não por acaso, Freud e seus colaboradores, certos do pertencimento da recente ciência psicanalítica ao campo das ciências naturais, nele enquadram a pesquisa e a prática da psicanálise.

Os famosos encontros de quarta-feira à noite era o momento em que Freud se juntava a seus discípulos para dizer um pouco mais sobre sua prática clínica e sobre os benefícios que ele vinha encontrando nesta descoberta¹.

Na carta a Fliess, Freud lhe revelou o que chamou de "grande segredo clínico" das neuroses de defesa: "a histeria é consequência de um *pavor sexual* pré-sexual. A neurose obsessiva é consequência de um *prazer sexual* pré-sexual, que se transforma posteriormente em autorrecriminação. "Pré-sexual" significa, a rigor, anterior à puberdade" (FREUD, 2006 [1986], p. 145).

¹ Cabe dizer, aqui, que Freud não fora analisado por nenhum analista, justamente por estar criando essa nova técnica, mas alguns autores consideram que, através de suas cartas, desenvolveu-se ali uma espécie de "análise remota", momento em que ele dizia sobre sua técnica, sobre sua autoanálise e sobre os efeitos que colhia tanto em si, como na aplicação em seus filhos. (ENCONTRO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E POLÍTICA, 15 de julho de 2019)

Em 09 de dezembro de 1899 em Viena, ele escreveu:

“Querido Wilhelm!

Tua última presença aplacou um pouco mais a minha sede de notícias pessoais a teu respeito. Posso, então, tranquilamente voltar-me às questões científicas. Talvez eu tenha tido êxito recentemente em um primeiro vislumbre de coisas novas. Tenho diante de mim o problema da “escolha da neurose”. Quando é que um ser humano se torna histérico em vez de paranoico? Uma primeira tentativa tosca, na época em que eu queria tomar a cidadela à força, supunha que dependia da idade em que ocorrem os traumas sexuais, na idade na vivência. Isso foi abandonada há muito tempo, mas fiquei então sem nenhuma suspeita até poucos dias, quando se abriu para mim um nexos com a teoria sexual. (FREUD, 2006 [1905], p.51).

Em 1905, Freud publicou sua teoria sexual infantil como a etiologia das neuroses; o que, por sua vez, gerou um marco em sua obra e mais afastamentos teóricos metodológicos perante a comunidade médica e aqueles que eram considerados seus discípulos.

Minhas afirmações sobre a sexualidade infantil baseavam-se, no início, quase exclusivamente nos achados de análises de adultos que retrocediam até o passado. Eu não tinha oportunidade de fazer observações diretas em crianças. Portanto, foi um triunfo excepcional obter, anos depois, a confirmação da maior parte do que havíamos inferido, pela direta observação e análise de crianças de bem pouca idade; um triunfo que gradualmente foi atenuado pela ponderação de que a descoberta era tal sorte que deveríamos antes nos envergonhar de tê-la realizado. (FREUD, 2006 [1914], p. 261).

Em 1910, aconteceu o Segundo Congresso de Psicanalistas em Nuremberg, que ocorreu com auxílio de um de seus discípulos S. Ferenczi. A respeito disso, Freud nos diz:

Julguei que o vínculo com Viena não era uma vantagem, mas um empecilho para o jovem movimento. Um lugar como Zurique, no coração da Europa, onde um professor catedrático havia aberto seu instituto para a psicanálise, parecia-me bem mais promissor. Também achei que um segundo obstáculo estava em minha pessoa, difícil de situar corretamente, entre afeição e o ódio das facções opostas; ou me comparavam a Colombo, Darwin e Kepler ou me xingavam como incapacitado. (FREUD, 2006 [1914], p. 294).

Após esse congresso, nasceu a Associação Internacional de Psicanálise (IPA) com o intuito de formar e transmitir o conhecimento psicanalítico aos médicos que desejassem aplicá-lo. A associação buscou estimular a criação de grupos de psicanálise em todas as partes do globo promovendo debates, fazendo pesquisas, desenvolvendo políticas de treinamento e estabelecendo parcerias com outras instituições. Dentre os anos, diversas foram as coordenações, como por exemplo

Carl Gustav Jung (1875-1961), Ernest Jones (1879-1958) e outros discípulos de Freud (ROUDINESCO, 1986).

Podemos dizer que ,naquela época, a busca pelo reconhecimento da psicanálise enquanto uma técnica prestigiada e considerada válida pelo meio médico se fazia em um movimento de construção que teve maior consolidação com a criação do espaço da Associação Internacional de Psicanálise, pois a partir desse marco, a psicanálise teve um espaço para continuar produzindo conhecimento acerca de sua técnica, o que possivelmente facilitaria o diálogo com outros campos do conhecimento, que é o que veremos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

1.2 Psicanálise e Ciência no início do Século XX

Em seu texto “A ciência e a psicanálise”, Elisabeth Roudinesco (2000, p. 113) nos diz que “os cientistas sempre consideraram a psicanálise uma hermenêutica”. Não considerada nos métodos positivistas daquilo que é considerado ciência, mas sim fundamentada no estudo do sentido das palavras.

Contudo, faz-se necessária uma retomada histórica. Desde a filosofia, pensadores como Schopenhauer (1788-1860) e Nietzsche (1844-1900) teriam oferecido elementos para pensar o que viria ser essa nova técnica chamada psicanálise.

Em seu texto de 1917 “Uma dificuldade da psicanálise”, Freud nos diz que a primeira ilusão narcísica foi posta em xeque por Copérnico, quando esse demonstrou que o homem não era o centro do universo. Tal modelo foi utilizado pela ideologia cristã durante o período medieval (entre os séculos II e XV) para dizer sobre a figura do homem como uma criação divina. Copérnico faz, então, um modelo no qual o Sol ocuparia o lugar em torno do qual giraria a Terra e outros planetas. Aqui, Freud nos traz uma de suas reflexões, a de que esse pensamento não somente provaria a hierarquia intelectual da Igreja Católica, mas também teria um impacto direto no narcisismo do homem da época, deixando ali evidente a sua não centralidade e destaque aos olhos do Pai (Deus).

No mesmo texto, ele continua afirmando que Darwin (1809-1882) foi o responsável pela queda da segunda ilusão humana, ao afirmar que o homem era

fruto da evolução biológica do animal; fazendo, assim, com que a espécie humana fosse retirada do lugar de criação divina e puramente cristã.

Todos nós sabemos que há pouco mais de meio século as pesquisas de Charles Darwin, de seus colaboradores e precursores puseram fim a essa presunção do ser humano. O homem não é algo diferente nem melhor que os animais; ele é próprio de origem animal, mais aparentado a algumas espécies, mais distante de outras. (FREUD, 2006 [1917], p. 246).

A terceira ilusão do ser humano foi quebrada por Freud entre os leitos hospitalares e em sua experiência clínica. Sua descoberta trouxe à tona que o homem consciente não era dono de suas próprias ações e escolhas, havia algo ali que fazia com que nem o próprio homem pudesse explicar suas próprias escolhas. Ele descentralizou o homem de si mesmo, em suas palavras: “o Eu não é senhor em sua própria casa.” (FREUD, 2006 [1923], p. 117).

Durante todo o século XX, a psicanálise encontrou uma forte oposição nos considerados objetivistas. Talvez a mais popular dessas tenha ficado expressa pela figura de Karl Popper (1902-1994), que - com sua teoria do falseacionismo - empenhou-se em mostrar a não cientificidade da teoria proposta por Sigmund Freud. Para Popper, a teoria freudiana não poderia ser considerada falsa, tampouco validada cientificamente. A psicanálise seria, então, pautada em noções sugestivas, mas nunca em provas e fatos, o que - por sua vez - a caracterizaria como uma espécie de pseudociência².

Alguns estudiosos da área, bem como analistas, dizem que o que sustenta a ideia e o pensamento freudiano vivo, é justamente esse questionamento: o que é a psicanálise? O que sustenta essa teoria até os dias de hoje? O que a sustenta ainda hoje é o mesmo que a criou: a descoberta do inconsciente. Este que se manifesta nas diversas formas, como em sonhos, atos falhos, chistes, sintomas e esquecimentos. É porque tem algo que não cessa de inscrever, é porque o ser humano produz sintomas em suas relações e forma laço de compromisso com ele.

Michel de Certeau (1925-1986), em seu livro *História e Psicanálise - entre ciência e ficção* (2011), afirma que a historiografia se desenvolve em função de um

² Dunker (2021) em seu vídeo: “Psicanálise baseada em evidências”, aponta fatores necessários para nos auxiliar na compreensão do porque alguns autores consideram a psicanálise como uma pseudociência. O mais importante deles, é a disputa pelo reconhecimento científico como aquele que detém o poder. A psicologia baseada em evidências por exemplo, segue pressupostos de Watson para se validar e fincar em um lugar social, lugar este reconhecido pela lógica de pensamento de pensamento positivista, como por exemplo a replicabilidade e validação de dados. A psicanálise por sua vez, se pauta em uma ética do desejo (Lacan, 1988) e por sua vez, no funcionamento do inconsciente de cada sujeito que se põe ali a falar sobre si.

corrente entre passado e presente e que ela resulta das relações de saber e de poder entre esses dois tempos. Ao longo de sua obra, apresenta-nos que a relação de Freud com a história teve seu caráter singular e promotor de rupturas. No campo das consideradas ciências da época, fez sua marca entre os antagonismos individuais e sociais, visto que aquilo que antes era considerado apenas como normal e patológico passou a ter um novo lugar de escuta e acolhimento a partir da leitura freudiana.

Certeau (2011) também nos coloca a pensar sobre os impactos que essa ruptura freudiana causou e ainda causa na linha temporal dos conceitos principalmente filosóficos. O estudo do homem era uma antes das descobertas de Freud e sofrera novos rearranjos desde então. Ademais, para esse autor, deve ser levada em consideração a afirmação de que o inconsciente é atemporal como forma de realizar uma interpretação anacrônica perante o social.

Mais adiante em seu livro, Certeau (2011) também nos diz sobre os problemas de institucionalização da psicanálise. Algo que vem sendo negado por alguns psicanalistas da escola francesa, depois dos ensinamentos de Lacan e de toda sua relação com a IPA (Associação Internacional de Psicanálise), criada no segundo congresso de psicanálise na época de Freud como forma de continuar e aumentar a transmissão de seu ensino.

O autor aponta que a própria historicidade da psicanálise como um campo do saber ainda é algo extremamente trabalhado entre pesquisadores como uma categoria - a formação do analista - de modo a produzir conhecimento em prol do que seriam os prós e contras de se reconhecer a psicanálise como uma técnica da ciência. Isso, por sua vez, faria com que se perdesse um dos principais pressupostos de uma análise, a técnica da associação livre proposta por Freud, que consiste em dizer o que lhe vem à mente sem censura; para que, somente assim, considere-se o inconsciente como singular. Realizar uma formalização da psicanálise como ciência é formalizar a existência do inconsciente e 'provar' que existe uma replicabilidade, o que não se sustenta pela própria palavra de cada sujeito que ali se põe a dizer sobre seus sintomas.

De acordo com Certeau (2011), pode-se dizer que outra novidade da psicanálise freudiana foi reintroduzir a arte literária, sobretudo o romance na escrita científica, já que a modernidade desde o século XVIII produziu uma cisão entre as "letras" e as "ciências". O recurso literário na construção epistemológica da

psicanálise está presente desde a construção dos casos clínicos freudianos, cuja marca maior foi romper com a *anamnese* médica criando uma *krankegeschichte*. Uma palavra mais próxima na tradução portuguesa seria o equivalente a uma 'história doentia' ou "história de paciente doente" profundamente marcada pelo estilo romântico.

Ao retirar, assim, o cunho de seriedade ao modelo científico, a narrativa freudiana grava aí uma historicidade oculta do analista e uma mudança recíproca dos interlocutores; trata-se de uma escultura de acontecimentos - até então não conhecidos - no quadro estrutural de um saber. (CERTEAU, 2011, p. 96).

A narrativa na construção do caso clínico aponta para o limite dos conceitos teóricos perante aquele que é de veracidade constatada. Nesse sentido, a obra freudiana insere-se como uma forma de recuperar a subjetividade humana perante o campo das ciências. Certeau (2011, p.97) nos diz que a literatura é o discurso teórico dos processos históricos, pois "sem romance, não há historicidade".

Além disso, na origem da psicanálise, há a presença de fenômenos do ocultismo, ou seja, de caráter neoespiritualistas, provenientes da junção de filósofos e estudiosos místicos que, ao final do século XIX, juntaram forças contra as ideias positivistas predominantes nas universidades dos países ocidentais. Segundo Roudinesco (2000, p.125), "o objetivo do movimento era a reabilitação dos chamados saberes ocultos ou recalcados tanto pela assim chamada ciência oficial quanto pelas religiões instituídas como Igrejas".

Tais reações ao poder da ciência e seus desenvolvimentos fez da psicanálise um novo pensamento que tentava ganhar força em um solo não fértil para os seus pressupostos teórico-metodológicos. A seguir em sua tese, a autora nos apresenta que

ora, se a psicanálise realmente se formou numa ruptura com os saberes oficiais, ela extraiu sua força não de uma revalorização desses saberes ocultos e recalcados, mas do conhecimento racional de fenômenos outrora marginalizados: por exemplo, o sonho. Por essa razão, é compreensível que Freud não se haja apaixonado pela telepatia. (ROUDINESCO, 2000, p.126).

Àquilo que estava marginalizado e silenciado pela cultura positivista e de replicabilidade científica, Freud deu o nome de psicanálise, e podemos dizer, assim, que seria uma espécie de ciência do homem e de seus processos psíquicos. A isso ele deu o nome de metapsicologia, fazendo diretamente menção à metafísica e às questões especulativas da alma.

Por seu anseio à metapsicologia, Freud colocou a psicanálise em um lugar específico, que opõe e desloca a figura do homem comportamental para o homem inconsciente. Ou seja, agora aquele que possui partes que desconhece de si e que não tem controle sobre elas.

Se Freud houvesse continuado tributário de um modelo neurofisiológico, nunca teria conseguido atualizar os grandes mitos da literatura para construir uma teoria dos comportamentos humanos. Em outras palavras, sem a interpretação freudiana das narrativas fundadoras, Édipo seria apenas um personagem de ficção, e não um modelo universal do funcionamento psíquico: não haveria complexo de Édipo nem organização *edipiana* da família ocidental. Do mesmo modo, se Freud não houvesse inventado a pulsão de morte, por certo ficaríamos privados de uma representação trágica dos desafios históricos que a consciência moderna tem de enfrentar. (ROUDINESCO, 2000, p. 129).

Conforme um sistema de pensamento, a psicanálise deu origem a correntes teóricas distintas umas das outras e que foram, também, expressão de consideráveis reformulações. Os pensadores pós-freudianos trouxeram reformulações pertinentes à técnica e articuladas com a prática clínica.

1.3 A entrada na Universidade Europeia

A existência da psicanálise no meio científico sempre sofreu inúmeras críticas e não acolhimento para seu desenvolvimento como área de conhecimento. A entrada na universidade possibilitaria, então, uma melhor visão da psicanálise e aceitação por parte daqueles que poderiam vir a aplicá-la. Mas como uma nova área não prestigiada poderia ganhar esse espaço?

A inserção da psicanálise na universidade enlaçou-se com a própria história da criação da psicanálise. Essa relação é apresentada por Freud desde seus primeiros escritos, nos quais ele exercia um movimento de tentativa de reconhecimento e prestígio de seus achados e de sua teoria pela comunidade médica da época.

De acordo com Oliveira (2002), ao longo do desenvolvimento de sua técnica, Freud trocava cartas com seus discípulos acerca dos fenômenos e das dificuldades que vinha encontrando em sua clínica na aplicação de sua técnica. Em adição às reflexões notáveis sobre a teoria e técnica psicanalítica, eles pensaram investigar as relações entre neurose e filogenia, bem como algumas especulações sobre a inserção da psicanálise na Universidade.

Freud expôs, pela primeira vez, "oficialmente" suas reflexões sobre uma possível inserção da psicanálise na Universidade por meio de um artigo publicado na revista médica *Gyógyászat*, volume 59, número 13, em março de 1919. Tratava-se de um texto em húngaro - provavelmente traduzido por Ferenczi-, no qual o Professor se posicionou sobre o problema, tomando como referência o título do escrito: "Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?".

Freud (2006 [1919], p. 378) já iniciou seu texto afirmando: "a questão depende se elas decidirem se estão dispostas a atribuir algum valor à psicanálise na formação dos médicos e cientistas. Caso afirmativo, a questão seguinte será onde e de que forma ela deve ser incluída no currículo acadêmico."

Ao longo desse artigo, ele argumenta que a universidade só tem a ganhar incluindo a psicanálise em seu currículo, posto que acreditava que entender um pouco da mente humana era parte essencial da formação dos acadêmicos, de modo que pudessem enxergar ali uma mudança de posição no modo como tratar os seus pacientes, no caso de médicos, e sua própria pesquisa, no caso dos cientistas.

Antes de se chegar à psicanálise propriamente, seria necessário um curso introdutório que tratasse das relações entre vida psíquica e a somática, fundamento de qualquer psicoterapia, que descrevesse os vários procedimentos sugestivos e, por fim, demonstrasse como a psicanálise representa o término e coroamento dos métodos anteriores de tratamento psíquicos. (FREUD, 2006 [1919], p. 380).

Mais adiante em seu artigo, ele nos apresenta que a psicanálise deveria ser expressa principalmente em duas formas dentro das universidades. A primeira delas em um curso elementar e a segunda em um curso especializado; para que, somente assim, aquele que buscasse praticá-la pudesse colocar à prova seu desejo.

A respeito dessas etapas, afirma:

o curso geral deveria ser aberto também aos estudantes das áreas de história, literatura, história das civilizações e filosofia das religiões. A fecundação dessas outras disciplinas pela psicanálise certamente contribuirá para forjar um vínculo mais sólido entre a medicina e os ramos de saber da filosofia e das artes, no sentido de uma *universitas literarum*. (FREUD, 2006 [1919], p. 381).

A inserção da psicanálise no currículo das universidades³, segundo a sua visão, seria para que o estudante aprendesse algo sobre e com a psicanálise. Ao

³ Freud (1929) pensa em um curso introdutório de psicanálise geral para a formação dos médicos, de modo que sua técnica pudesse auxiliar numa melhor escuta da queixa dos pacientes, sendo assim, numa melhor anamnese e possível cura de queixas consideradas incompreensíveis pela medicina, como era o fenômeno da histeria.

analisar a estrutura acadêmica, Freud criticou o plano de estudos das universidades para com o tratamento de doenças nervosas, salientando o descaso da medicina para os fatores psíquicos da vida de seus pacientes. Tal descaso teria levado, em sua opinião, o rumo das teorias para o lado da chamada psicologia experimental, pois se instalavam sob a mesma ótica de tratamentos dos processos mentais.

Freud segue dizendo nesse artigo que, devido a esses descasos e não consideração dos efeitos da psicopatologia na vida das pessoas e não apenas na teoria estudada, a psicanálise fazia-se uma técnica a ser considerada e, no mínimo, debatida no meio acadêmico. Desta forma, conclui que “a universidade só pode se beneficiar da aproximação da psicanálise em seus planos de estudos.” (2006 [1919], p. 381).

Em 1925, complementa dizendo que a universidade deve ser definida como

“um lugar onde o conhecimento é transmitido acima de todas as diferenças de religiões e nacionalidades, onde o que é investigado deve mostrar a humanidade em que medida eles entendem o mundo ao seu redor e até que ponto eles podem controlá-lo.” (FREUD, 2006 [1925], p. 302).

Os apontamentos de Freud perante a inserção da psicanálise nas universidades não tiveram tanto impacto nas produções daquele momento, visto que as transformações sofridas após a Primeira Guerra Mundial influenciaram no modo de fazer pesquisas e valorizaram cada vez mais as pesquisas positivistas. Suas palavras foram retomadas, alguns anos depois, por seus discípulos.

Roudinesco e Plon (2007, p. 358-359) apresentam que “os fundadores do movimento psicanalítico húngaro tiveram assim um destino original, despojado de qualquer conformismo. A maioria deles produziu trabalhos inovadores”. A tacada de Sándor Ferenczi (1873 -1933) foi uma das principais delas.

O primeiro momento em que a psicanálise apareceu nos currículos das universidades foi marcado por uma série de eventos políticos impulsionados pela Primeira Guerra Mundial, que tiveram como consequência a dissolução do Império Austro-Húngaro (OLIVEIRA, 2002).

A partir desse novo cenário sociopolítico, Ferenczi enviou uma carta a Freud dizendo: “(...) acabo de dar o meu triste adeus a Hungria de antes.” (FREUD e FERENCZI, 1992, p. 334). A resposta de Freud é algo questionado pelos estudiosos como força propulsora da inserção da psicanálise nas universidades: “Retire a tempo sua libido da pátria e coloque-a na psicanálise; pois certamente, se não o fizer, necessariamente irá se sentir mal.” (FREUD e FERENCZI, 1992, p. 336).

Com a queda desse Império, em 1918, Ferenczi desempenhou o papel crucial para que as ideias psicanalíticas pudessem ser levadas adiante. Ao traduzir o que Freud havia levantado, contornando uma série de novos obstáculos impostos pelo novo período em que vivia, ele assumiu o cargo de professor e levou a primeira cadeira de psicanálise para a Universidade de Budapeste no ano de 1919.

Apesar do contexto político e das dificuldades travadas na inserção e na continuidade do pensamento filosófico, Ferenczi relatou a Freud, em outubro do mesmo ano, que alguns alunos do curso de medicina pediram para que ele realizasse palestras sobre o que seria a técnica da psicanálise. “Aceitei com a condição de que eles tivessem uma localização conveniente e segura. Instantaneamente, um movimento começou a organizar-se e 180 alunos dirigiram um pedido ao reitor da universidade para que me fosse dada a oportunidade de ensinar.” (FREUD e FERENCZI, 1992, p. 335).

Mais adiante, em sua carta, também diz que os entusiastas da psicanálise estavam crescendo por lá e que cerca de 1.000 pessoas assinaram uma petição de pedido ao reitor, reivindicando o direito a estudar psicanálise na universidade. Ademais, diz a Freud: “a pátria da psicanálise vem sendo, apesar de tudo, Budapeste e não Viena; você deveria se instalar aqui.” (FREUD e FERENCZI, 1992, p. 345).

A inserção da psicanálise começou a se intensificar no início de 1919. Acerca disso escreveu a Freud:

o novo Ministro da Educação está bem disposto para com a causa, assim como o recém nomeado Comissário do Governo para a universidade. Nossa associação encaminhou um memorando ao ministério, e os alunos também o fizeram no mesmo sentido. O assunto pode ser decidido em algumas semanas. (FREUD e FERENCZI, 1992, p. 367).

A aposta da entrada da psicanálise na universidade surtiu efeito sobre as pessoas que se debruçaram em seu estudo, de modo a desenvolver um interesse por essa nova técnica terapêutica que estava surgindo e que vinha sendo muito comentada e criticada por não possuir um método considerado científico e de replicabilidade dos resultados.

A despeito dessa conquista, Freud escreve para Ernest Jones: “Até agora o *‘rateregierung’* (governo comunista) tem conduzido muito gentilmente nossa ciência. Ferenczi tornou-se o primeiro professor oficial de psicanálise de uma universidade. Um sucesso com o qual nunca tínhamos sonhado! (FREUD, 2006 [1919], p. 419).

Seguindo o artigo publicado por Freud sobre a psicanálise nas universidades, Ferenczi propôs, então, que era preciso dedicar um espaço para o estudo da psicanálise dentro da psiquiatria, de modo que fosse possível apresentar sobre as neuropsicoses de defesa e, assim, avançar em novas articulações e compreensões desse fenômeno.

A ementa foi organizada com uma cadeira que se chamava “Psicologia Psicanalítica para médicos” (FREUD e FERENCZI, 1992, p. 387), que tinha como duração três horas por semana e visava, em um primeiro momento, explicar - de forma mais geral - qual era a posição da psicanálise perante as demais ciências, como por exemplo naturais, as psicologias e a filosofia.

Passado essa introdução geral, a tarefa consistiria, então, em discutir a influência do psiquismo sobre o corpo físico, as chamadas psicopatologias, para só então apresentar um pouco sobre a técnica construída até o momento, passando pela hipnose e a catarse. Somente assim, seria possível uma virada da psicanálise e um reconhecimento de seus efeitos através da apresentação de sua construção, de sua história.

O cenário até então estava favorável para a técnica freudiana, mas tudo mudou devido a uma reestruturação política que trouxe à tona a queda da República dos Conselhos (para o Soviético) para a tomada de poder por um grupo de direita antissemita (*White Terror*), que trouxe consigo, alguns meses depois, a retirada de Ferenczi da universidade e da academia médica de Budapeste. Mesmo com essa saída do meio universitário, a psicanálise ainda encontrava forças para seguir seu percurso formativo em associações e institutos que se dedicavam ao estudo e aprimoramento da técnica freudiana (ROUDINESCO, 2009).

Além disso, um escândalo cometido⁴ por um membro da sociedade psicanalítica de Viena envolvendo uma de suas pacientes trouxe à tona a discussão de a partir de onde a psicanálise deveria ser ensinada. Onde se aprende a ser um analista? Deve-se ter um espaço regido por algum órgão de autoridade para evitar e para punir ações como sedução de pacientes?

⁴ Roudinesco (2016) apresenta que um dos fatores que fizeram o repensar do fazer do analista, se deu justamente por um enamoramento de um analista com sua analisanda. E que por não estar consoante com o tripé da formação (análise pessoal, supervisão, estudos com os pares), provavelmente foi um dos motivos que o fez não perceber o desenrolar de seu envolvimento.

Freud ofereceu uma continuação para sua discussão iniciada em 1919, sustentando que a formação do analista:

ainda está em criação, e deve abarcar tantos temas das ciências do espírito - psicológicos, de história e cultura, bem como os aspectos sociológicos. É fácil objetar a essa proposta de que não existem escolas superiores de ensino da psicanálise, acredito que deva ser um ideal a ser realizado, e apesar de considerarem esse ensino como algo juvenil, ele já vem sendo realizado em nossas escolas. (FREUD, 2006[1926], p.236).

Com tantos entraves enfrentados, Freud começou a aceitar o desenvolvimento de sua técnica em espaços que não seriam, então, regidos por uma política governamental e que não abarcava as diferentes áreas com as quais a psicanálise se encontrava, podendo ser nas instituições, sociedades e grupos.

A memória freudiana recorre à privação e incompreensão do homem na sociedade para se fixar com um tom biográfico de sua criação (ROUDINESCO, 2009). Ao mesmo tempo que as tantas implicações políticas vivenciadas, Freud buscou insistentemente ampliar seus conhecimentos e levar ao maior número de pessoas possível. A universidade seria, então, o espaço no qual todo seu esforço poderia ser reconhecido e distribuído àqueles que buscassem respostas que a própria medicina não poderia oferecer.

Se pensarmos sobre a inserção da psicanálise na universidade francesa, e as contribuições dos autores pós-freudianos como no caso de Lacan, houve avanços considerados essenciais no que diz respeito ao entendimento do próprio inconsciente. O próprio Lacan, tem um texto em seus escritos intitulado por: O inconsciente Freudiano e o nosso, o que faz com que a partir de suas contribuições, as universidades francesas passem a explorar a psicanálise de um outro lugar, agora atravessado diretamente, pela linguagem.

Segundo Roudinesco (2016), uma figura a ser considerada nesse marco foi o psiquiatra e psicanalista Daniel Lagache (1903 - 1972), que - em 1937 - foi nomeado professor de Strasbourg para ministrar e unir os estudos de psicopatologia e psicologia social. Em sua prática como professor, pôde utilizar conceitos psicanalíticos que viveu em sua própria análise e que, certamente, fizeram com que ele mergulhasse nos estudos da obra freudiana pela sua experiência.

As primeiras ideias psicanalíticas na França datam do início do século XX. Angelo Hesnard (1886 - 1969) e Emmanuel Régis (1855 - 1918) são considerados os pioneiros na divulgação da psicanálise no território francês, com a publicação do

livro *La psychanalyse des névroses et des psychoses*, em 1914, bem como com a publicação de um artigo intitulado *La doctrine de Freud et de son école na revista L'Encéphale*. (ROUDINESCO, 2009, p. 113).

No Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, vinculado à Escola da Causa Freudiana, são concedidos os diplomas de master (*Professionnel* ou *Recherche*), realizados em dois anos aos moradores e estudantes de origem francesa, o que se difere para os imigrantes. Diferente da universidade brasileira, após três anos de graduação (*Licence*), o estudante continua seus estudos no *master*, sendo o *Master Recherche* indispensável para a entrada no doutorado. Os departamentos existentes reúnem os campos de Ciências da Educação, Comunicação e Psicanálise.

Para pensarmos na inserção na universidade brasileira e nas demais articulações do pensamento psicanalítico no Brasil, conferimos que na seção de documentos da Sociedade Brasileira de Psicanálise - SP, encontra-se alguns manuscritos sobre os precursores da psicanálise no Brasil. Esse livro foi comentado por Afrânio Peixoto na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1918, tornando-se a primeira produção psicanalítica traduzida para o português no Brasil em 1923, antes mesmo da primeira tradução de um texto freudiano, o que aconteceu somente em 1931.

1.4 A chegada da psicanálise no Brasil e na Universidade brasileira

Oliveira (2002) relata que a psicanálise começou a ser divulgada no Brasil desde o final do século XIX através de professores de psiquiatria das faculdades de medicina. Os primeiros trabalhos de divulgação da psicanálise nas universidades datam de 1914, com o psiquiatra Juliano Moreira e, em 1929, continuada pela figura de Júlio Pires Porto Carrero.

A partir de então, passa a ser difundida no Brasil de forma mais sistemática. Nesse mesmo ano de 1914 é defendido, na Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, o primeiro trabalho acadêmico em psicanálise no país, escrito pelo médico Genserico de Souza Pinto. (OLIVEIRA, 2002, p. 152).

A tese de Pinto (1914) inaugurou um espaço para recepção e início da consolidação do campo no Brasil; já que, nesse período, a psicanálise não era conhecida no meio médico e muito menos do público em geral.

A grande divulgação do pensamento psicanalítico no Brasil ocorreu, primeiro, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além de contar com o primeiro trabalho publicado sobre a psicanálise, o Rio de Janeiro destaca-se pela divulgação do curso de Psiquiatria Médico-Legal na Faculdade de Medicina, concebido por Afrânio Peixoto e Henrique Belford Roxo, em 1918. Este último realizou um curso sobre a doutrina de Freud, o que o tornou o primeiro professor de psicanálise no país, além de ter publicado um Manual de Psiquiatria em 1921, reservando várias páginas à psicanálise. (BODDIN, 1998; OLIVEIRA, 2002).

Seguindo o desenvolvimento do Rio de Janeiro, Júlio Porto Carrero foi o que mais se destacou dentro da temática da educação. Seu trabalho visava à interlocução da psicanálise com a ótica pedagógica e formulava ideias voltadas ao papel do lar e da escola na educação das crianças. Iniciou sua clínica na Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923. No ano seguinte, ele apresentou um caso orientado pela psicanálise na Academia Nacional de Medicina, publicando um livro no mesmo ano, além de ser um dos primeiros responsáveis pela historiografia do movimento psicanalítico (OLIVEIRA, 2002, p. 144).

Inicialmente ele aborda o tema na Aula Inaugural do Curso de Psicanálise Aplicada à Educação em 1928 que ele intitulou *Psychanalyse* – a sua história e o seu conceito, inspirando-se no texto de Freud Contribuição à história do movimento psicanalítico, de 1914. No ano seguinte, ele apresenta um relatório intitulado Contribuição Brasileira à Psicanálise no III Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal em que aborda os primeiros 15 anos de divulgação psicanalítica no Brasil.

Os textos de Carrero acerca da psicanálise estão reunidos em cinco volumes constituídos, em sua maior parte, por artigos que, motivados pelas publicações em alemão do vienense, preocupava-se em produzir algum comentário para que a psicanálise chegasse a um número maior de pessoas. Inicialmente fazia isso em sua cátedra e, posteriormente, também em suas conferências.

Ensaio de Psicanálise (1929) é a primeira publicação de Porto Carrero sobre as ideias freudianas. Os ensaios reúnem temas de dezessete conferências proferidas pelo autor em várias instituições da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1927 e 1929. O primeiro ensaio foi assunto da primeira aula do Curso de Psicanálise da Associação Brasileira de Educação, no qual ele iniciou dizendo sobre “Fedro” e “Banquete” de Platão, falou sobre o amor nos livros e os compara aos conceitos de Freud. (OLIVEIRA, 2002).

E se o progresso humano nada mais é do que a recapitulação dos mesmos fatos em planos superiores do desenvolvimento cultural, não é de assombrar seja Freud a reprodução metempsicótica do grande peripatético, refletida através das eras, engrandecida na grande lente dos séculos, original não obstante, pois é sempre original *vetera novis augere et perficere*. (CARRERO, 1929, p. 11 - 12).

A conclusão de sua primeira aula deu-se com a exaltação da obra freudiana através de seus olhos e o destaque de sua relevância para o estudo da humanidade, bem como a indicação de eventos de psicanálise no Brasil que aconteceram na década de vinte.

Em São Paulo, reconhecido como referência da psiquiatria local, Franco da Rocha também assumiu uma cátedra na Faculdade de Medicina em 1919, e ministrou uma aula intitulada “Do delírio geral”. (DEPARTAMENTO DE DOCUMENTOS SBPSP, 2020). Mais adiante, essa aula foi publicada pelo jornal “Estado de São Paulo”, chamando a atenção de Durval Marcondes, que viria a ser um dos grandes responsáveis pelo estabelecimento da psicanálise no Brasil, inclusive na criação da primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise.

As publicações brasileiras tinham cunho acadêmico, justamente por se tratar de conferências e ensaios ocorridos em salas de aula, nos cursos de medicina do país. Segundo Oliveira (2002), Franco da Rocha lançou a primeira publicação de impacto no país com o livro *O pansexualismo na doutrina de Freud*.

Cabe salientar que esses sujeitos transmitiam o pensamento freudiano e sua técnica e teoria, mas não obtinham o interesse em aplicar a teoria na clínica. Porém, foram eles que se tornaram conhecidos por compartilhar o pensamento de Freud no Brasil e nas universidades.

A aplicação clínica teve grande marco representativo por Durval Marcondes (1899 - 1981) que começou a atender pacientes aplicando o método analítico, após ter iniciado sua formação. Ele e todos os outros que se empenharam para o estabelecimento da psicanálise no Brasil são considerados pioneiros.

O primeiro projeto de institucionalização da psicanálise, em São Paulo, foi realizado em 1927, graças ao empenho de alguns médicos estudiosos das ideias de Freud e que testaram, com êxito, sua aplicação no consultório. Durval Marcondes liderou essa iniciativa, desenvolvida em grande parte, às suas expensas. (MOKREJS, 1993, p. 19).

No ano seguinte, surgiu no Brasil a primeira Revista Brasileira de Psicanálise, sendo considerada a primeira revista psicológica do país, bem como a primeira a

distribuir o pensamento freudiano na América Latina. Porém, sua publicação foi interrompida, produzindo seu segundo volume apenas 39 anos depois.

Formou-se, então, em 05 de junho de 1944 o Grupo Psicanalítico de São Paulo, a partir de trocas de cartas de Durval Marcondes com Freud nos anos de 1931 e 1935, quase cerca de 10 anos depois de seu primeiro contato com Freud, que foi possível o estabelecimento deste grupo em São Paulo. Esses documentos estão presentes na Divisão de Documentos da atual Sociedade Brasileira de Psicanálise, na sede de São Paulo, mas não podem ser fotografados e/ou copiados. Estão disponíveis apenas para consulta local e assistida. (DEPARTAMENTO DE DOCUMENTOS SBPSP, 2020).

O grupo era composto por: Flávio Dias, Virgínia Bicudo, Durval Marcondes, Adelheid Koch, Frank Phillips e Darcy Mendonça; esse grupo mantinha-se segundo as normas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Dentre seus objetivos estavam:

- a) desenvolver a psicanálise, ramo científico fundado por Sigmund Freud, tanto no que se refere à teoria como as suas aplicações práticas à medicina e às ciências mentais;
- b) estabelecer e manter relações com os demais grupos e sociedade do mesmo gênero. (MORKREJS, 1993, p. 21).

A mudança do Grupo para uma Sociedade veio a partir da primeira reunião e dos debates propostos pelos membros, no qual ficou decidido que Durval Marcondes encaminharia uma carta para Ernest Jones visando à transformação e aceitação desse Grupo Psicanalítico para uma Sociedade Psicanalítica reconhecida pela IPA. Em paralelo, Juliano Moreira fundou a primeira Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro no Hospital dos Alienados. (BIRMAN, 1988).

Um ponto marcante entre as duas Sociedades era justamente a composição de seus membros. No Rio de Janeiro, foi composta primeiramente pela ala médica do estado, devido justamente à sua dissipação e força no meio acadêmico e nos cursos de medicina, atrelada aos discursos dos psiquiatras da época. Já, em São Paulo, segundo Pontes (1999), a participação era ativa por artistas, intelectuais e profissionais das mais diversas áreas.

Assim, a consolidação e a passagem do pensamento psicanalítico ganhavam força no meio universitário e encontrava-se ali uma maneira de continuar viva e de que mais pessoas pudessem ter contato com ela.

Segundo Oliveira (2005), em 1936, Durval Marcondes e Pacheco Silva disputaram uma cadeira pela disciplina Neuropsiquiatria, na Faculdade de Medicina de São Paulo. Pacheco Silva venceu o concurso e, conseqüentemente, passou a exercer grande influência na formação dos psiquiatras. Sua aversão à psicanálise fez com que esta deixasse de ser ensinada aos futuros médicos paulistas.

A autora segue sua discussão questionando o que teria aconteceria caso Durval Marcondes tivesse vencido a disputa e levanta a hipótese de que os rumos da psiquiatria poderiam ter sido diferentes, com uma maior aderência à psicanálise, sem dúvida. A partir desse episódio, Durval Marcondes começou a se aproximar da psicologia clínica, campo no qual a psicanálise encontrará bastante apoio.

Vale destacar que, antes do apoio da psicologia, existiu todo esse movimento de ancoragem da teoria freudiana pelo meio médico e a luta pela inserção desse campo do conhecimento nas universidades, o que persiste até os dias de hoje (LINS, 2011). A psicanálise ainda costuma ser apresentada por meio de disciplinas nos cursos de medicina e psicologia espalhados pelo Brasil, tudo isso devido à influência de professores psicanalistas, mas também por professores de literatura, de artes, de linguística e de filosofia, que, de alguma forma, se entusiasmam com a obra de Freud e enxergam a importância de sua aplicação e intersecção com as demais áreas.

Galvão (2012) destaca em seu artigo sobre a história da psicanálise no Brasil a inserção de dois movimentos para consolidação da área. O primeiro toma a psicanálise enquanto instrumento terapêutico e o segundo faz uma apropriação da psicanálise no meio cultural, de forma a ser aplicada em diversas áreas do conhecimento, o que é bem visível na interface com as artes.

O interesse pela psicanálise para um projeto civilizador do país, segundo Russo (2002), trazia uma saída interessante para as teorias vigentes do determinismo biológico que destinava o país ao fracasso por conta da miscigenação. Portanto, as ideias de uma sexualidade que não seria problema e de sublimação pareciam adequadas ao projeto de civilização, educação e progresso brasileiro.

Neste contexto, Oliveira (2005) diz que a inserção da psicanálise em São Paulo, por exemplo, deu-se muito mais através de um discurso aplicado às práticas sociais do que de um método clínico destinado ao tratamento das neuroses; o que,

por sua vez, liga-se ao fato de que foi o único estado no Brasil a contar desde o início das discussões com não-médicos, artistas e intelectuais.

Segundo a autora, o movimento modernista teve grande influência na divulgação das ideias psicanalíticas pelo país. O primeiro livro a fazer referência a Freud, foi *Paulicéia Desvairada* (1922) de Mário de Andrade, obra precursora do modernismo brasileiro. Do mesmo autor, temos também, *Amar, verbo intransitivo* (1927)⁵, criticado na época por excesso de freudismo. A psicanálise freudiana foi possível numa determinada época, bem descrita a seguir por Mário de Andrade, e que Freud analisou com argúcia e percepção. Mas Freud também inventou uma forma única de laço social, que não existiu antes dele – o discurso analítico, que alterou significativamente o modo pelo qual o sujeito pensa a si mesmo.

O próprio Durval Marcondes é responsável por aproximações com a literatura. Ele publicou, em 1926, o ensaio literário denominado *O simbolismo estético na literatura*, como uma orientação para a crítica literária, baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise. Posteriormente, enviou uma cópia a Freud, o que - por sua vez - foi aceito com apreciação. (DIVISÃO DE DOCUMENTOS SBPSP, 2020).

Formação dos sociólogos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde ela é introduzida em 1940, com a criação da disciplina “Psicanálise e Higiene Mental”, sempre sob a direção de Durval Marcondes. Ali, durante anos foram ensinados principalmente os chamados textos sociológicos de Freud, e a psicanálise era tomada na sua articulação com a educação, a antropologia, a criminologia e a saúde mental, e tinha por objetivo “evidenciar o percurso que introduz o indivíduo ao grupo e na sua história coletiva”, além de oferecer estágios em instituições de Saúde Mental. (OLIVEIRA, 2005, p.4-5).

O interesse pela produção de conhecimento da psicanálise em meio acadêmico era um dos maiores focos de Durval. Além disso, cabe destacar também a figura de Virgínia Bicudo (1910- 2003), que foi a primeira mulher brasileira, não-médica, a ser reconhecida como psicanalista na construção desse caminho.

Em 1945, ela defendeu sua dissertação de mestrado intitulada “Estudo das atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” e marcou ali um movimento de partilha dos conceitos freudianos aplicados em meio acadêmico.

⁵ A propósito de *Amar, verbo intransitivo* – uma carta de Mário de Andrade - “O livro está gordo de freudismo, não tem dúvida. E é uma lástima os críticos terem acentuado isso, quando era uma coisa já estigmatizada por mim dentro do próprio livro. Agora o interessante seria estudar a maneira com que transformei em lirismo dramático a máquina fria de um racionalismo científico. Esse joço estético assume então particular importância na página em que “inventei” o crescimento de Carlos, seguindo passo a passo a doutrina freudiana”.

Além da formação dos sociólogos da ESP, Oliveira (2005) apresentou que, na mesma época, a psicanálise foi igualmente introduzida na seção de Sociologia da USP, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH), por iniciativa de Roger Bastide, em 1941.

A partir desse momento, instalou-se mais um lugar onde a psicanálise encontraria morada e possibilidade de ampliação dos efeitos de suas descobertas. A respeito:

Mas se a psicanálise cedia lugar na sociologia, em contrapartida, ela imediatamente encontrava guarida naquele que nos próximos anos iria se constituir como o seu território de predileção, a Psicologia. E isso desde a estruturação dessa disciplina (vinculada ao Departamento de Filosofia), quando da criação do primeiro Curso de Especialização em Psicologia Clínica, em 1954. (OLIVEIRA, 2005, p. 19).

Com o convite de Annita de Castilho Marcondes Cabral (1911-1991), psicóloga e professora da Universidade de São Paulo, Durval Marcondes passou a integrar o corpo docente do curso como professor visitante, o que possibilitou mais ainda a inserção de psicanalistas no meio universitário; uma vez que, durante anos, o corpo docente foi formado por psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Consciente da necessidade de desvincular a cadeira de Psicologia da seção de Filosofia (na época, a Psicologia era um pequeno núcleo inserido na seção de Filosofia, que por sua vez, fazia parte da faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP), Annita empreende uma luta neste sentido, pois percebia que o caminho para a conquista da autonomia da psicologia, enquanto curso propriamente dito, iniciava-se aí, nesta separação da seção de filosofia. Em 1958, juntamente com Cícero Cristiano de Souza, Aníbal Silveira e Durval Marcondes, Annita consegue criar o Curso de Especialização em Psicologia Clínica da Cadeira de Psicologia da FFCL da USP. (SOUZA & CHIAROTINO, 1997, p. 13 - 14).

Segundo Birman (1988), o percurso de Durval Marcondes foi redesenhado em função das adversidades que passava e dos entraves que a própria psicanálise enfrentava na época em busca de sua consolidação. Mesmo diante de tanto, é interessante salientar o quanto ele soube reorientar o campo da psicanálise, provocando um deslocamento deste saber da medicina para as ciências humanas, para inscrevê-la no campo da psicologia, no qual encontrou amparo, acolhimento de suas ideias e possibilidade de diálogo. Até hoje, em sua homenagem e reconhecimento a seu esforço para com os avanços clínicos e teóricos, a estruturação e regulamentação da Clínica leva o nome "Clínica-Escola Psicológica Durval Marcondes".

Outro aspecto interessante foi marcado pela chegada da escola francesa nos anos 70 no país, uma vez que ela se deu não apenas pelo viés clínico, mas com grande influência do pensamento acadêmico. Isso ocorreu através da chegada de jovens intelectuais atravessados pela ideologia francesa e pelas ideias propostas em relação ao pensamento freudiano e seus efeitos na linguística e na filosofia. (BIRMAN, 1988).

A chegada em São Paulo se deu por iniciativa do então filósofo Luiz Carlos Nogueira, que, marcado pela leitura de Paul Ricoeur, integrou a primeira turma de pós-graduação em Psicologia da USP em 1969 sob a orientação de Durval Marcondes, antes de sua estadia na França, que o levou a aderir ao lacanismo. (NOGUEIRA, 1997).

Vale destacar, ainda na pós-graduação, a figura de Marilena Chauí que, em 1971, ministrou a disciplina “Merleau-Ponty e a psicologia” e, no ano seguinte, publicou o artigo *Linguística e psicanálise em Lacan*. (OLIVEIRA, 2005).

Nos anos 70 e 80, Chauí orientou dissertações de mestrado e teses em filosofia e psicologia de uma boa parte da geração e, desde então, assumiu o ensino da Psicanálise em diferentes universidades paulistas, como por exemplo na orientação de Luiz Roberto Monzani (Filosofia, UNICAMP), Renato Mezan (Psicologia, PUC-SP).

Ainda assim, vale ressaltar a história da pós-graduação no país:

É preciso dizer que esse processo não constitui uma particularidade paulista. Ele é fruto da expansão da pós-graduação no país, que repercutiu em diversas capitais do país, notadamente no Rio de Janeiro, a partir de meados dos anos 80. É quando, formada nos principais centros universitários do país ou no estrangeiro, uma nova geração de analistas ou estudiosos do freudismo é chamada a ocupar cargos notadamente nos Departamentos de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. (OLIVEIRA, 2005, p. 25).

Gatti (2001) assume o ponto de vista de que pesquisa e a pós-graduação se originaram de forma desarticulada em nosso país:

Mestrados e doutorados em nosso país originaram-se, então, não do desenvolvimento da pesquisa científica nas universidades ou outras instituições, mas de uma política deliberada de organismos estatais, no final da década de 1960 e início de 1970. No ensino superior, à época, pouca pesquisa se desenvolvia, vez que sua vocação era dirigida, sobretudo, à formação de profissionais liberais. As universidades nasceram da

agregação de cursos e pouquíssimas tinham a pesquisa como parte integrante do trabalho de seus docentes. (GATTI, 2001, p. 109).

Ainda em 1970, ocorreu o crescimento rápido e em grande escala das psicoterapias com a divulgação de diversas correntes da psicologia e, sobretudo, da psicanálise (RUSSO, 2002). A participação de psicólogos em grupos de estudo fora das instituições de psicanálise, principalmente realizados nas universidades, ganhou força.

Para além desses espaços de transmissão do pensamento psicanalítico, como foi o caso da clínica da faculdade de psicologia da USP, destacam-se: Clínica de Psicologia da Faculdade de Filosofia, de Ciências e Letras do Instituto Sedes Sapientiae em São Paulo, destinada aos alunos de pedagogia e, depois, de psicologia.

De acordo com Birman (1988), outro fato importante para a inserção da psicanálise nas universidades brasileiras, deu-se no início da década de 1970, momento em que o pensamento lacaniano passou a chegar no país e, por vezes, foi aderido pelos psicólogos de formação. Devido a todo contexto francês e de não aceite do pensamento lacaniano pela IPA, os profissionais que se afeiçoaram ao seu modo de pensar a psicanálise não tinham lugar de aceite nas Sociedades vinculadas a IPA e, desta forma, encontraram refúgio para continuar suas pesquisas dentro das universidades.

A fragmentação dos espaços institucionais, através das sucessivas cisões, vem enfraquecer o movimento lacaniano; o espaço institucional não seria mais visto como espaço de reconhecimento, fazendo com que analistas migrem para as universidades. (BODDIN, 1998, p. 27).

Na mesma década, aconteceu a entrada oficial da psicanálise na Pós-Graduação brasileira, que ocorreu a partir da criação do curso de Especialização em Psicologia Clínica na PUC-RJ em 1966. Tal modalidade tinha como objetivo realizar a formação de psicólogos de orientação psicanalítica, impedidos, como já citado, de seguir uma formação em escolas de psicanálise. (OLIVEIRA, 2006).

A partir deste momento, segundo Figueiredo (2008), a universidade exerceu, então, a função de formar profissionais em psicanálise, mas não reconhecidos como psicanalistas. A psicanálise aparece, dessa forma, nos primeiros Mestrados em Psicologia do país (curso da PUC-RJ, criado em 1966) com dissertações defendidas, sobretudo após a década de 1970.

Dessa maneira, o primeiro espaço de formação psicanalítica para psicólogos foi dentro das universidades. Esses sujeitos encontravam nos programas de pós-graduação uma possibilidade de contato mais detalhado com a teoria psicanalítica. O mesmo acontece na França, quando a psicanálise se aproxima da universidade pela via da psicologia clínica em um movimento de duplo suporte; pois, segundo Roudinesco (2009), a psicanálise fornecia à psicologia clínica o suporte teórico que lhe faltava e essa última garantia a entrada e permanência da psicanálise na universidade.

Lacan (2001 [1967]) nos apresenta que o ensino da psicanálise na pós-graduação pode levar a confusões em relação à questão da formação do analista. Cabe aqui salientar a psicanálise em extensão, que seria aquela ensinada e transmitida fora do espaço terapêutico, como por exemplo em escolas de psicanálise e universidades; bem como, a psicanálise em intenção, que é aquela praticada dentro do consultório.

Se pensarmos no que seria o ensino da psicanálise dentro e fora das instituições psicanalíticas, podemos perceber a força que esses outros espaços possuem no comprometimento com a transmissão da psicanálise, e com o desejo de Freud de levar a psicanálise ao maior número de pessoas. Para tanto, no que tange a formação do analista, o próprio Freud coloca como um dos pilares, fazer análise, marcando – assim - que esse espaço não ocorreria dentro das universidades. Mas ainda assim acredita que há potência no desenvolvimento do pensamento da psicanálise no meio acadêmico.

É importante ressaltar que se entende por universidade, instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, conforme disposto no Art. 52 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394, de 20/12/1996. A universidade é uma organização social, com mandato milenar de produção, reprodução e difusão de conhecimentos; com o passar do tempo, torna-se também definidora de mecanismos de legitimação dos saberes e práticas.

Tal sistema implica uma estrita divisão do trabalho, uma especialização das formações; em suma, uma nítida divergência em relação ao ideal universitário de Humboldt. As faculdades (Letras e Ciências) que, nas universidades alemãs, formam o espaço natural das tendências inovadoras são as que, na França, vegetam ou não preenchem essa função [...] O essencial da função de pesquisa ou de inovação está, assim, concentrado nos grandes estabelecimentos, em alguns cursos da Sorbonne ou do

Colégio de França ou no seio do Instituto e das sociedades eruditas (Charle; Verger, 1996, p. 76-77).

O modelo universitário Alemão, da primeira metade do século XIX, principalmente na Universidade de Berlim,

O princípio de unidade da pesquisa e do ensino, por iniciativa dos estudantes, dos professores e da instituição, é rico de conseqüências: somente o pesquisador pode, verdadeiramente, ensinar. Qualquer outro se limita a transmitir um pensamento inerte, mesmo se comunicar a vida do pensamento (Dreze; Debelle, *apud* Mazzilli, 1996, p. 55).

Dentre esses modelos, no século XX nasce um novo modelo denominado universidade de massas ou americano, mas que, em razão da grande pluralidade de submodelos, que tanta importância e representatividade adquiriram ao longo do tempo, permitem afirmar não existir hoje, de fato – como não existiria um modelo tipicamente francês ou alemão –, um modelo, mas muitos modelos americanos, a começar pelo das *research universities*, que há muito pontificam como as mais respeitáveis do mundo.

Um fato é inquestionável: o Brasil atrasou-se de dois a três séculos, nesse campo, em relação a diversos países do continente. Tem sido o último ou um dos últimos a constituir e reconhecer oficialmente universidades, ainda que se levem em conta as precárias experiências de universidade em Manaus (1909), São Paulo (1910) e Curitiba (1912), das primeiras duas décadas do século XX. Até então se tratava de experiências de seminários, conventos e escolas, estas, em geral, estritamente profissionais, que respondiam pragmaticamente ao imediatismo das exigências do poder burocrático e das necessidades das elites detentoras dos poderes econômico, político e cultural. (SGUISSARDI, 2006, p.71)

Percorrendo a história da psicanálise no Brasil, vemos como a universidade teve papel fundamental na formação e na difusão dos conceitos, práticas e intersecções com outros campos. Em alguns estados do Brasil, como o Ceará, por exemplo, a difusão da psicanálise ocorreu não tanto pela organização de escolas psicanalíticas, mas por meio da universidade (DANZIATO, 2000), situação que também pode estar presente em outros lugares.

Oliveira (2002) apresenta em seu trabalho histórico que as relações entre psicanálise e universidade foram marcadas por exclusão e restrição do pensamento freudiano, enquanto hoje trazem uma nova marca que visa à inclusão e conciliação desse pensamento com diversas outras áreas do saber. Para os dias de hoje, a universidade tem sido um espaço social privilegiado pela psicanálise e ocupado por psicanalistas nos mais diversos setores, podendo até se dizer que a universidade

tem se tornado um objeto de desejo dos psicanalistas, na busca pela transmissão e aprimoramento dos conhecimentos.

Birman (2013) apresenta a hipótese de que os cursos de mestrado e doutorado vêm dar conta de uma lacuna sobre o ensino teórico praticado em instituições psicanalíticas, constituindo, assim, a figura do psicanalista-pesquisador com a relação entre as universidades e as instituições de formação analíticas.

Cabe salientar também que, inicialmente, houve um acolhimento, por parte das universidades, dos analistas que buscavam um espaço para construir seus pensamentos. Hoje, porém, há uma disputa política entre escolas que buscam visibilidade social e recrutamento de novos analistas, marcando uma estratégia de relação de poder entre escolas e universidades, oferecendo em sua formação, uma modalidade denominada seminários de pesquisa. Espaço no qual analistas discutem e mostram resultados de suas pesquisas realizadas dentro e fora das universidades, no entanto isso ocorre nas escolas de formação.

Para Bourdieu, a universidade está inserida no campo educacional. Tradicionalmente, um lugar de conservação do capital e de reprodução mais que de inovação, criatividade e subversão do campo. (BOURDIEU e PASSERON, 1992).

Por ser uma escola de psicanálise dentro de uma universidade, criam-se condições para garantir que os princípios da psicanálise sejam resguardados, prevalecendo a autoridade epistêmica do campo psicanalítico. Sem dúvida, uma experiência inovadora nas relações psicanálise e universidade. (ROUDINESCO, 2009, p. 334).

Até a década de 1970, pouco se publicou em psicanálise no Brasil. Mas, a partir da década de 1980, canais para a divulgação da psicanálise começaram a aparecer como revistas, livros, editoras especializadas, publicação de dissertações e teses. (OLIVEIRA, 2005).

A partir do levantamento realizado nessa pesquisa, foi possível notar que, em 1988, foi criado o primeiro Mestrado em Psicanálise na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a posterior aprovação de um doutorado em 1994. Dez anos depois, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) implantou seu mestrado (1998) e, depois, o doutorado em 2007.

Segundo uma pesquisa realizada por Lins (2011), atualmente, contamos com quatro PPGs específicos no país, um na UFRJ, um na UVA, um na UERJ, e um na UFRGS. Os primeiros trabalhos defendidos nestes PPG's datam de 1991 (dissertação) e 1998 (tese) ambos na UFRJ.

CAPÍTULO II – Psicanálise e Educação

Neste capítulo, apresentaremos uma revisão de literatura acerca do diálogo entre os campos da psicanálise e educação no Brasil. Para tanto, apresentamos duas figuras importantes nesse cenário e suas primeiras intervenções acerca da intersecção desses dois campos no estado do Rio de Janeiro e em São Paulo.

2.1 Rio de Janeiro e a figura de Arthur Ramos

Alguns episódios marcaram a entrada do pensamento freudiano no terreno das transformações pelas quais a educação passou. Entre eles, é válido citar a participação de Ramos na administração de Anísio Teixeira, então diretor do Departamento-Geral de Educação no Distrito Federal. Teixeira convidou o médico Arthur Ramos para assumir a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais no Rio de Janeiro e, conforme sinaliza Sircilli (2006, p. 83), juntos, colocaram em prática um projeto educacional que privilegiava o estudo de crianças escolarizadas com o objetivo de classificá-las segundo seu potencial intelectual e aptidão, viabilizando tratar aquelas que apresentassem problemas de aprendizagem.

Para pensarmos a importância da inserção do diálogo da educação com a psicanálise, faz-se necessário, também, apontar brevemente as questões políticas, econômicas, sociais e culturais que alavancaram o desenvolvimento do país no início do século XX.

Segundo Corrêa (2011, p.789),

transformações viabilizaram a implantação das ideias psicanalíticas no Brasil e se constituíram também no substrato que conduziu a significativas mudanças no modelo educacional vigente no país até aquele momento, fazendo com que a educação tradicional fosse perdendo espaço para uma nova filosofia educacional fundada no pensamento liberal, qual seja, a Escola Nova.

Nesse contexto, a “Escola Nova”, forjada no ideário liberal, “partia do princípio de que a escola deveria atuar como um instrumento para a edificação da sociedade através da valorização das qualidades pessoais de cada indivíduo.” (ABRÃO, 2006, p. 234). Dessa forma, segundo o mesmo autor, em outro trabalho (2009), ainda na década de 1930, no bojo das reformas na educação que ocorriam no Brasil sob a

rubrica da referida “Escola Nova”, pode-se encontrar as condições necessárias para a introdução da psicanálise de criança no país.

Para a autora Corrêa (2011, p.791),

os problemas da criança no ambiente escolar, que incluíam tanto as dificuldades de aprendizagem quanto a falta de adaptação da criança à escola, passam a ser interpretados não mais como uma expressão de “anormalidade” ou de inaptidão da criança, e sim a partir de uma outra perspectiva pautada no ambiente sociofamiliar do sujeito infantil. Essa nova perspectiva tomou lugar na própria medida em que a “Escola Nova”, surgida em oposição à pedagogia tradicional, instaura uma proposta pedagógica inovadora.

Mais adiante em seu trabalho, a autora apresenta que é justamente a partir dessa concepção de problemas da criança inserida no ambiente escolar que a psicanálise encontra uma brecha para novas discussões acerca dessa concepção. Assim, a partir da direção dada por Abrão, tal demanda pela psicanálise se deu na própria medida em que com esse corte com a herança genética houve a necessidade de recursos teóricos e práticos que capacitassem os profissionais para que eles pudessem compreender e manejar as dificuldades existentes. (CORRÊA, 2011, p. 792).

Em 1954, Arthur Ramos publicou seu livro, já citado no primeiro capítulo desta dissertação, intitulado *A criança problema – A higiene mental na escola primária*. Acerca da influência do meio social sobre a criança, diz: as poderosas influências de meios desajustados, de conflitos domésticos, de escorraçamento afetivo, de péssimos modelos para imitação, de fadiga em decorrência de subnutrição e do trabalho... tudo isso determinando mau ou nenhum rendimento na Escola e problema de personalidade e de conduta. (RAMOS, 1954, p. 41).

Mais adiante em sua obra, o autor propõe que não devemos considerar a criança de forma isolada, mas sim “como uma entidade móvel, complexa, boiando à mercê de múltiplas influências do seu meio, e reagindo das mais variadas maneiras a essas influências.” (RAMOS, 1954, p. 44).

Em sua pesquisa, Corrêa (2011, p. 796) ressalta que “Ramos assinala que a criança problema não somente pode ser a criança mimada como também o seu polo oposto, a saber, a criança odiada ou escorraçada”. Embora a influência de Adler sobre Ramos não faça parte do objeto deste artigo, cabe dizer que aqui se sente a influência decisiva da psicologia individual desse dissidente de Freud. O sentimento

de inferioridade vai aumentando e se intensificando, produzindo sérios transtornos caracterológicos.

A autora vem salientando as principais contribuições de Ramos à educação da época, trazendo o foco para a família e para o ambiente em que essa criança, considerada problema, está inserida.

Para Corrêa (2011, p. 795),

[...] o autor em discussão, a turbulência e a agressividade, como todos os problemas da criança na escola, devem ser compreendidas e explicadas à luz do jogo afetivo das constelações familiares dessas crianças e não relacionados à existência de alguma “anormalidade” psicológica, de algum “desvio”, “reveladores de uma cerebrina ‘constituição delinquencial’ na criança”.

Lins (2011, p. 47) acrescenta que “Ramos declarou abertamente que direcionava seu trabalho para os educadores e pretendia divulgar a aplicação das principais noções de psicanálise ao campo escolar”. Ramos teve que lançar estratégias persuasivas para convencer o meio educacional da importância das contribuições de Freud para a educação, e precisava, ainda, defender uma posição favorável à modernização da escola. A Nova Escola deveria ser *socializadora* e submeter o indivíduo à nova ordem social (essência desse processo).

A visão de Ramos estava fortemente relacionada com a de Teixeira (1929), que se baseava nos pressupostos de Dewey (1938), segundo os quais o escolanovismo, ao mesmo tempo em que enfocava no potencial normalizador do educando, também se voltava para os interesses psicológicos e individuais de cada aluno. Ramos defendia o princípio de que a Escola Nova deveria ser guiada pelo “respeito para a personalidade da criança” (MOKREJS, 1993, p. 195), e o ensino tradicional não respeitava a lógica do pensamento infantil. Era o triunfo das “necessidades psicológicas individuais” em detrimento da educação coletivizada; mas, para Ramos, havia o sentido de que, ao favorecer o indivíduo, seu alvo final seria o de servir para o desenvolvimento da sociedade. (LINS, 2011).

Portanto, o movimento educacional renovador desenvolvido no Brasil e a visão psicanalítica de Ramos marcaram aquele período na tarefa de reformulação das práticas educacionais vigentes no país.

Nesse contexto, para Lins (2011, p. 52),

[...] é importante frisarmos que a psicanálise aderida ao discurso da Escola Nova adquiriu contornos próprios ao discurso da pedagogia moderna, ou seja, um discurso que defende a necessidade de individualização nos

processos de aprendizagem para a melhor adaptação dos indivíduos frente às exigências sociais.

Vale ressaltar, também, que a leitura proposta por Ramos se faz a partir da sua experiência com o contexto clínico, na qual o autor apresenta uma relação entre a figura do analista e do analisando, em paralelo com a figura do professor e do aluno. Tal percepção é baseada em um conceito presente na psicanálise denominado como *'transferência'*, que nesse sentido, diz respeito à ligação e à conexão do aluno com a figura do professor.

Corrêa (2011, p. 797) acrescenta que “o problema é que a transferência é claramente tomada por Ramos, nesse momento inaugural da interlocução da educação com a psicanálise no contexto brasileiro, exclusivamente na sua dimensão idealizante”. Assevera que a correção dos problemas da criança só se fará por meio de uma adequada transferência afetiva na escola e com a orientação educativa aos pais com relação à sua atitude face aos filhos.

Nesse sentido, a proposta de Ramos em relação ao processo educacional da criança, diz respeito, em suas palavras, a uma *'transferência dos afetos'*, de modo que a figura do professor possa obter da criança a “transferência afetiva” para conquistar o afeto e a confiança do ambiente escolar. Assim, esse meio transferencial possibilitará “uma compensação a uma alma órfã de afeto.” (RAMOS, 1954, p. 140).

Para ele, pelo fato de o professor ocupar o lugar de autoridade para a criança; sendo, portanto, substituto dos pais, sua atitude é fundamental. Convém, então, a esse professor “corrigir no espírito da criança, a *imago* errônea que ela fez da autoridade e do ‘próximo’ em geral” (RAMOS, 1954, p. 225); fazendo, desse modo, a intervenção na dinâmica da transferência afetiva.

Corrêa (2011, p. 798) acrescenta que

[...]essa transferência apresenta-se como pedra angular; pois, ao mesmo tempo em que ela é medida para compreensão, também é veículo de reeducação dos problemas da criança. A noção de transferência é a interlocução inaugural entre os campos educativo e psicanalítico.

O conceito de transferência vem permeando os campos educativos e psicanalíticos desde então, a maioria dos trabalhos encontrados no momento de revisão de literatura desta pesquisa.

Um exemplo fundamental para pensarmos essa discussão pode ser ilustrado pela figura de Catherine Millot, uma psicanalista e autora francesa lacaniana, e

professora da Universidade de Paris VIII, que nos diz que Freud, em um primeiro momento de elaboração da teoria psicanalítica, havia constatado que a educação tinha um “caráter patogênico, gerador de neurose” e que havia nutrido “a esperança de que a pedagogia, esclarecida pela psicanálise acerca do funcionamento do psiquismo e da natureza de seu desenvolvimento, pudesse reformar seus métodos e seus objetivos, tornando-se assim um instrumento profilático” (MILLOT, 1987, p.57-58).

Catherine Millot destaca a proposição freudiana sobre a “indócil constituição pulsional” para indicar o reconhecimento por parte de Freud de que a educação “jamais poderá dar cabo” de tal constituição. Lembra também que a educação não pode se ausentar da tarefa de adaptar a criança à ordem estabelecida: A educação psicanalítica assumiria uma responsabilidade que não lhe cabe tentando converter em revolucionários aqueles que a recebem. Sua tarefa consiste em tornar as crianças o mais sadias e capazes de trabalhar que for possível [...] não é desejável, sob qualquer ponto de vista, que as crianças sejam revolucionárias. (MILLOT, 1987)

A posição da autora aparece com mais nitidez quando ela afirma que:

[...] única contribuição da psicanálise à pedagogia que Freud indica [...] consiste na cura analítica que preconiza: a título preventivo, para pais e educadores, de modo que estes, havendo tomado consciência dos malefícios de sua própria educação, darão então mostras de mais compreensão frente às crianças e lhes pouparão de muitas provações que eles mesmos sofreram. (Millot, 1987, p.61-63)

Desta forma, intervindo *après coup* [só depois] na criança a fim de corrigir os efeitos nefastos da educação.

No próximo item, veremos um pouco acerca dos primeiros pensamentos acerca de uma visão higienista da educação, o que também já foi superado nos dias de hoje, mas ainda assim, de suma importância para pensarmos a construção histórica das discussões futuras.

2.2 Durval Marcondes e as primeiras publicações da psicanálise na educação

Oliveira (2006) nos apresenta um cenário de São Paulo, imerso e conectado com a Semana de Arte Moderna, momento no qual os artistas do movimento se interessavam fortemente pelas contribuições freudianas, principalmente as apresentadas em seu texto “Totem e Tabu (1913)”; o que, por sua vez, auxiliou também na difusão da teoria em território nacional.

Em seu trabalho, Lins (2011, p. 27, 28) apresenta que

Oswald de Andrade, inspirado pelas teses freudianas, engendrou o Movimento Antropofágico com a intenção de refletir sobre a identidade do povo brasileiro e sua origem. Diferentemente das teses higienistas, que tratavam da inferioridade do povo brasileiro, Oswald pretendia sublinhar as particularidades nacionais e sua ancestralidade (questão tratada na obra de Freud, *Totem e Tabu*).

Ele propunha a Cultura Antropofágica, que representava a devoração cultural das ideias e das tecnologias dos países mais desenvolvidos. Suas interpretações psicanalíticas eram aplicadas à leitura sociológica e antropológica do homem brasileiro e referiam-se à cultura nacional.

A partir desse contexto, observa-se que a psicanálise propagada em São Paulo teve influência direta da vertente artística e médica, cada uma com seu viés. O destaque médico se deu pela perspectiva do desenvolvimento sexual infantil, o que reverberou também nas teses da educação e nas leituras que a própria psicanálise trazia para esse campo. Por sua vez, no âmbito artístico, amparava-se em uma crítica social e cultural do movimento modernista.

Nesse panorama, Durval Marcondes foi um dos maiores seguidores das ideias de Franco da Rocha, que, por sua vez, foi o responsável por trazer a psicanálise para dentro das universidades em São Paulo, com publicações acadêmicas pela Faculdade de Medicina de São Paulo (MOKREJS, 1993). Para Lins (2011, p. 30), "a psicanálise praticada por Durval Marcondes não deixava de atrelar-se a um saber adaptativo da personalidade do indivíduo ou de ser um meio de prevenção das psicopatias na infância".

Dessa maneira, Marcondes foi responsável por inserir a psicanálise enquanto uma disciplina psicológica no Brasil, defendendo que ela poderia ser praticada pelos não-médicos. Assim, reforçando, como já mencionado no capítulo anterior, o que Freud (1926) defendia: que a psicanálise deveria ser entregue a todos aqueles que tivessem o desejo de explorá-la, e que estivessem dispostos a seguir alguns critérios de formação estabelecidos na época e vigentes para alguns psicanalistas até os dias de hoje por meio da IPA (*Association International of Psychoanalysis*).

Seguindo essa ideia de uma possível formação, Durval Marcondes fundou a primeira Sociedade de Psicanálise do Brasil, em 1927, na cidade de São Paulo. Franco da Rocha era o presidente, Durval Marcondes o secretário, e queriam apenas divulgar a psicanálise, que era bastante desconhecida pela população brasileira. A divulgação da psicanálise por meio da educação foi uma forma

encontrada para que fosse realizado esse projeto, visto que se acreditava que na educação iriam encontrar eco para as ideias que pretendiam defender. Desta forma, encontramos as primeiras ideias psicanalíticas brasileiras tanto nos relatos de reuniões médicas, quanto nos compêndios pedagógicos e em obras literárias publicadas em alguns estados brasileiros. (LINS, 2011, p.31).

As questões do campo da educação se faziam presentes nas reflexões de Marcondes, visto que em 1930, segundo Lins (2011, p.35), Durval Marcondes, ministrou, na Sociedade de Educação, um curso de psicanálise em que sustentava a ideia de que a falta de uma educação sexual nas escolas seria um dos fatores que levariam à doença mental. Ele trazia a ideia inicial do caráter preventivo da utilização da psicanálise na educação e enfatizava a importância da imitação para a formação psíquica, ou seja, para ele o temperamento era resultado do modelo de identificação da criança com seus pais e sugeria cuidados especiais no que se referia à conduta, de modo geral, na hipótese de que a autoridade excessiva dos pais poderia acarretar desvios de personalidade.

Em sua tese, Mokrejs (1993) apresenta que a educação sofrera um abalo com as contribuições da psicanálise em seu campo, principalmente por a teoria proposta por Freud estar em um âmbito que, até então, fora negado pela cultura vigente da época: a ideia de que há um inconsciente e, junto dele, os funcionamentos desse psiquismo.

Dentre essas contribuições, Lins (2011) destaca algumas obras envolvendo psicanálise e educação e seus anos de publicação:

Deodato de Moraes, autor do livro "A Psychanalyse na Educação" (1927); Júlio Pires Porto-Carrero, com os artigos: "O Character do Escolar Segundo a Psychanalyse" (1927), "Instrução e Educação Sexuais" (1928), "Leitura para crianças: ensaio sob o ponto de vista psychanalytico" (1928), "A Arte de Perverter: applicação psychanalytica à formação moral da criança" (1929), "Educação Sexual" (1929) e "O que esperamos dos nossos filhos" (1930). De Arthur Ramos, os livros foram: "Educação e Psychanalyse" (1934) e "A Criança Problema" (1939), além dos seguintes artigos: "A technica da psychanalyse infantil" (1933), "Os furtos escolares" (1934), "A mentira infantil" (1937), "A dinâmica afetiva do filho mimado" (1938) e "O problema psycho-sociológico do filho único" (1938). Encontramos ainda Hosannah de Oliveira, com os artigos "O Complexo de Édipo em Pediatria" (1932) e "A hygiene mental do lactente" (1933); Gastão Pereira da Silva, com os livros: "Educação Sexual da Criança" (1934) e "Como se Deve Evitar o Drama Sexual de Nossos Filhos" (1939) e Pedro de Alcântara, com o artigo "Objeções da Psychanalyse ao Uso da Chupeta: Análise e Crítica" (1936). Na década de 1940, registramos os trabalhos de Durval Marcondes: "A hygiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil" (1941), "Contribuição para o problema do estudo dos repetentes da escola primária: condições físicas, psíquicas e sociais" (1941) e "Clínica de orientação infantil: suas finalidades e linhas gerais de sua organização"

(1946); os seguintes artigos de Virgínia Bicudo: "A visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança" (1941), "Funções da visitadora psiquiátrica na clínica de orientação infantil e noções de higiene mental da criança" (1946) e "Papel do lar na higiene mental da criança" (1946), e as publicações de Lygia Alcântara do Amaral: "A apatia e o retraimento dos escolares como problema de higiene mental" (1941) e "Lar substituto e seu papel na higiene mental da criança" (1946). (LINS, 2011, p. 40-41).

Em sua revisão de literatura, Abrão (2003) apresenta que a psicanálise teve dois momentos de inserção nas produções do campo da educação no Brasil, sendo eles a divulgação da teoria psicanalítica junto aos educadores – que se estendeu do início da década de 1920 até meados da década de 1930 – e a aplicação da psicanálise à higiene mental escolar, etapa compreendida entre a segunda metade da década de 1930 até aproximadamente 1950. (ABRÃO, 2003, p.92).

Ainda em sua tese, Abrão (2006) apresenta que o país sofria com as demais alterações culturais e sociais ocorridas pelo advento da modernidade no início do século XX e que isso também ocorreu no campo educacional. Nesse contexto, o aparecimento de uma nova filosofia educacional fundada no ideal liberal, chamada Escola Nova ou Escola Progressista, teve ajuda das ideias psicanalíticas em sua constituição.

A nova política educacional “partia do princípio de que a escola deveria atuar como um instrumento para a edificação da sociedade através da valorização das qualidades pessoais de cada indivíduo.” (ABRÃO, 2003, p. 236).

Lins (2011, p. 43) acrescenta que

Perante essa linha de pensamento, em que a ênfase era colocada na noção de indivíduo, a criança passava a ser vista e compreendida como um ser em desenvolvimento e, portanto, portadora de uma lógica diferente do adulto. Assim, tornava-se fundamental uma compreensão cada vez mais aprofundada das características da criança, terreno este fecundo para a entrada da psicologia no campo educacional. Foi por essa mesma via que a psicanálise encontrou espaço para se difundir dentro da educação.

A partir da noção da criança como um ser em desenvolvimento, foi possível encontrar amparo nas contribuições da psicanálise acerca do psiquismo humano e de suas atuações em sociedade. Neste momento, a psicanálise encontra uma via para estar presente nos diálogos da educação, trazendo nos assim, a discussão do próximo item dessa pesquisa.

2.3 As práticas da psicanálise na educação

A criação da Liga de Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais do Rio de Janeiro, dirigida por Arthur Ramos, teve influência do médico Henrique Belford Roxo, que - em 1923 - estava voltado à pesquisa da erradicação de três fatores determinantes da alienação mental: a sífilis, o alcoolismo e o espiritismo. Ramos seguiu as orientações de Roxo, mas voltou sua atenção especialmente para o desenvolvimento de métodos terapêuticos que visavam a intervenções na personalidade das crianças e, para isso, utilizou o referencial da psicanálise. (RAMOS, 1939).

Visando contribuir mais nessas intervenções da personalidade, Ramos, em parceria com as Clínicas de Orientação Infantil, propôs um trabalho de cooperação entre as escolas e a família. O projeto levou o nome de Círculo de Pais e Mães. (ABRÃO, 2006).

Lins (2011, p. 56) afirma que “o objetivo dos Círculos era o de que os pais pudessem colaborar com o Instituto de Higiene Mental no sentido da eliminação dos “maus hábitos” da primeira e segunda infância”. Posteriormente, esses círculos auxiliaram na criação da Liga de Higiene Mental Escolar, proposta por Durval Marcondes e vinculada ao Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Esse serviço foi criado por Durval Marcondes e, como psiquiatra e inspetor da Higiene Escolar e Educação Sanitária, tinha como objetivo estruturar um serviço de assistência à criança escolarizada e aos frequentadores das escolas públicas de São Paulo, que manifestassem problemas de personalidade ou conduta (LINS, 2011, p.58).

Vale ressaltar que esse pensamento com um viés de cura das neuroses, já foi superado dentre os pesquisadores da área, que a partir dos avanços nas pesquisas e leituras, puderam contrapor o pensamento de Durval Marcondes, por exemplo, quando este recebeu a tarefa de organizar a Assistência Médico-pedagógica para os “débeis mentais” e, nesse contexto, foram criadas as primeiras classes especiais. Mas Durval desejava mesmo desenvolver um projeto de atendimento em psicanálise em instituição de caráter público e, assim, destinava a Clínica ao atendimento da população mais desfavorecida. (OLIVEIRA, 2006).

Consoante Oliveira (2006), o atendimento era destinado a crianças que tinham desajustes no âmbito escolar e em casa. Dessa maneira, a escola realizava

os encaminhamentos para a clínica, e combinava uma visita, em sua casa, do profissional que a atenderia, com o objetivo de compreender a etiologia do problema apresentado pela criança. Ao longo desse processo, todos os membros da família eram entrevistados, bem como todas as pessoas envolvidas em seu desenvolvimento, seja do âmbito familiar ou escolar. Essa visitante

[...]estava encarregada de recolher dados e analisar o modo de vida da criança-problema, de seu universo familiar e das práticas sociais de cada indivíduo que participava de seu universo psíquico para a elaboração do diagnóstico e acompanhamento da patologia psíquica da criança. De maneira imbricada, vemos assim emergir duas novas profissões na função pública: o psicólogo e o psicanalista, das quais Marcondes assume a responsabilidade pela formação e supervisão. (OLIVEIRA, 2006, p.139).

A figura da visitante era de suma relevância no processo, uma vez que

[...]era ela que reconstituía, via interrogatório, a evolução do caso, apresentando hipóteses sobre as ocorrências que poderiam ter contribuído para o desenvolvimento da patologia. Pesquisava sobre o ambiente da criança e sobre as influências da família nesse processo. Também colhia dados sobre as condições de higiene, habitação, a situação escolar, as diversões habituais etc. Com todos os dados e esclarecimentos possíveis, aliados às informações de outros técnicos, a clínica realizava uma estratégia de ação, dando seu parecer sobre o caso. À luz das teses psicanalíticas, a equipe formulava um diagnóstico e decidia a terapêutica mais indicada para a resolução dos problemas apresentados. (LINS, 2011, p. 60).

Abrão (2001) apresenta que a prática da visitadora foi responsável pela fundação da profissão do psicólogo. A atividade do psicólogo foi implantada em 1930; mas, somente em 1950, ganhou destaque nas Clínicas de Orientação Infantil (COI).

O ensino da teoria psicológica já era ministrado nos cursos de Pedagogia e Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e as visitadoras psicologistas e psiquiátricas que precisavam de formação iam ter aulas de psicologia nessas faculdades. Assim, passou a ocorrer a aliança entre os profissionais das COI e a Faculdade de Filosofia, numa rede de relações que resultou no convite à Durval Marcondes para que ele criasse uma Clínica vinculada à cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. (LINS, 2011, p.73).

Foi no ano de 1954 que o curso de especialização em Psicologia Clínica viera a funcionar na Universidade de São Paulo e, desta forma, iniciava-se também a entrada, sendo possível dentro de uma universidade, da formação em psicanálise, além dos outros pilares da formação de um analista já mencionados anteriormente. A universidade entrou como um novo espaço possível para estabelecimento do

diálogo dessa formação com outros campos do saber, como foi o caso da psicologia e da educação. Em 1954, o curso de especialização em Psicologia Clínica estava funcionando na universidade e selava o início da formação em psicanálise na universidade (SGUISSARDI, 2006).

Vale salientar que eram os mesmos membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise que orientavam esse curso de pós-graduação em Psicologia Clínica, a saber alguns: Durval Marcondes, Virgínea Bicudo, Lygia Amaral entre outros (ABRÃO, 2001).

2.4 A constituição de um campo

Consoante Roudinesco (2009), a articulação do pensamento entre psicanálise e educação tem origem nos diálogos estabelecidos entre Freud e alguns psicanalistas e estudiosos da educação, como por exemplo, Pfister (1873 - 1956) e Bovet (1878 - 1965).

Posteriormente, esses pedagogos estavam interessados na formalização de uma Pedagogia da Psicanálise, denominada por *Pedanálise*. Em 1908, Ferenczi foi o primeiro psicanalista a tratar da educação, em uma conferência chamada “Pedagogia e Psicanálise” (FREUD, 1929). Alguns autores trabalharam o tema das mais diversas formas, como foi o caso de Françoise Dolto, Anna Freud e Maud Mannoni.

A constituição desse novo campo de pesquisa, agora instaurado como psicanálise e educação, teve alguns destaques e iniciaremos aqui pelas produções do estado de São Paulo.

2.4.1 – São Paulo e as produções no campo da educação e da psicanálise

Para iniciarmos essa discussão, faz-se necessária a apresentação de algumas figuras que foram, e são, de extrema importância para pensarmos o diálogo entre esses dois campos do saber, por serem as obras mais citadas em trabalhos entre psicanálise e educação, e por possuírem muitas publicações com relevância para o avanço do conhecimento entre esses dois campos.

A primeira delas, Maria Cristina Kupfer, possui graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1974), mestrado em

Psicologia Escolar, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1990)⁶.

Em 1989, em seu livro, *Freud e a Educação: o mestre do impossível*, a autora apresenta a articulação de elementos do movimento nacional e internacional de relacionamento dos campos da psicanálise com a educação. São esses três elementos: o primeiro deles foi a criação de uma Pedagogia da Psicanálise, a *Pedanálise*; o segundo elemento se fez pelo trabalho dos psicanalistas em divulgar a psicanálise no âmbito escolar e familiar, a fim de trabalhar a neurose nas crianças para evitar as chamadas “criança problema”; já o terceiro elemento apresentado pela autora diz respeito ao ensino da psicanálise para aqueles que não são psicanalistas, desta forma salienta a figura dos educadores.

Algumas observações foram levantadas e organizadas em cima desse terceiro elemento pela própria autora, bem como por Lajonquière (1999) e Patto (2002). Esses seguiram a perspectiva da distinção entre pedagogia e educação, de crítica à própria pedagogia e da utilização das técnicas e métodos de ensino por meio dos quais a psicanálise ganhou maior espaço nas discussões sobre a educação e passou a constituir um campo próprio de interesse e de pesquisas no Brasil.

Conforme coleta de dados realizada para esta pesquisa, em 1998, Kupfer e Lajonquière formalizaram o LEPSI (Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância) do Instituto de Psicologia e da Faculdade de Educação da USP, um dos principais núcleos de pesquisas sobre esse tema no Brasil. Encontra-se, na mesma universidade, a figura de Rinaldo Voltolini e Valdir Heitor Barzotto, que serão considerados mais adiante nesta pesquisa.

Considerando sua importância nas discussões entre psicanálise e educação no Brasil, apresentamos - a seguir - algumas reflexões de Kupfer e Lajonquière. Ao apresentar um modo de ver e entender a educação, Kupfer também atribui à psicanálise a possibilidade de discussão da figura da criança junto às circunstâncias que torna o caminho de seu conhecimento possível.

⁶ Informações disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/6538542826518180>. Acesso em 20 de jul. 2021.

A psicanálise pode transmitir ao educador (e não à Pedagogia, como um todo instituído) uma ética, um modo de ver e entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. Pode contribuir, em igualdade de condições com diversas outras disciplinas, como a Antropologia, ou a Filosofia, para formar seu pensamento. Nada mais se pode esperar dela, caso se queira ser coerente com aquilo que se constituiu essencialmente: a aventura freudiana. (KUPFER, 1989, p. 97).

Para exemplificar esse tipo de importação da psicanálise para a educação, Kupfer (1989) traça as linhas gerais do que seria a temática da transferência articulada ao ato educativo. Aqui, aparece um dos conceitos, utilizados como tema, que mais encontramos ao longo da revisão de literatura acerca dos trabalhos publicados na intersecção das áreas da psicanálise e educação: a transferência. Essa concepção de transferência, tomada do texto do próprio Freud, amplia a noção de que um clichê (estereótipo calcado na figura dos pais) é transferido para a figura do analista e do mestre.

O importante é fixar a ideia de que o desejo inconsciente busca aferrar-se a “formas” (o resto diurno, o analista, o professor) para esvaziá-las e colocar aí o sentido que lhe interessa. Transferir é então atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo. Essa formulação tem implicações tanto para o analista como para o professor. Instalada a transferência, tanto o analista como o professor tornam-se depositários de algo que pertence ao analisando ou ao aluno. Em decorrência dessa “posse”, tais figuras ficam inevitavelmente carregadas de uma importância especial. E é dessa importância que emana o poder que inegavelmente têm sobre o indivíduo. Assim, em razão dessa transferência de sentido operada pelo desejo, ocorre também uma transferência de poder. (KUPFER, 1989, p. 91).

Leandro de Lajonquière (docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Universidade de Paris VIII) dedica-se, há trinta anos, aos estudos psicanalíticos no campo da educação, da infância e da formação docente. É, em parte, responsável pelos avanços registrados na área no Brasil, na Argentina e, agora, na França. Esse autor resgata o estatuto da educação nos

textos freudianos e nos de outros autores na perspectiva de não incorrer no viés tecnicista e adaptativo que configura o discurso pedagógico moderno.

Em suas obras *De Piaget a Freud* (1995) e em *Infância e ilusão (psico) pedagógica* (1999), e em *Figuras do Infantil* (2010), Lajonquière preocupa-se em realizar uma crítica sobre a pedagogia moderna, na qual a psicanálise teria a função maior de realizar uma subversão dos saberes cientificistas que essa pedagogia tem propagado. A conexão psicanálise e educação realizou-se diversas vezes na perspectiva positiva, ou seja, extraindo dos conceitos psicanalíticos procedimentos para serem aplicados na educação, e isso ocorria para elucidar as práticas educativas e pedagógicas.

Lajonquière também nos apresenta que a conexão entre psicanálise e educação só pode ocorrer se houver uma “clareagem psicanalítica” da pedagogia, o que significa uma recuperação do sentido de uma educação que produza efeitos de subjetivação nesse processo. O autor diz isso amparado pelas ideias de Maud Mannoni.

Para ele, a articulação entre psicanálise e educação seria possível se esta última fosse entendida como discurso social, de modo que o conceito de educação recobre o de laço social.

Lajonquière se baseia no pensamento que Mannoni desenvolve em *Educação Impossível* (1988) e afirma que é possível desenvolver algo de qualidade na conexão entre psicanálise e educação, se a psicanálise deixar de lado a pedagogia e mirar na perspectiva de resgate da dimensão educativa, que deve propiciar que os efeitos subjetivantes sejam produzidos.

Kupfer, mesmo tendo seguido as indicações de Millot (1987), passou a defender o casamento da psicanálise com a educação, principalmente na área da educação especial, com a educação terapêutica. Assim, uniu esses campos não no sentido da criação de uma prática pedagógica, mas no sentido de um trabalho que é terapêutico na medida em que considera a educação estruturante para o sujeito.

Assim, essa autora baseou-se nas discussões de Mannoni sobre a importância da dimensão educativa implicada nos processos de subjetivação, e também se baseou em Dolto, para direcionar essa discussão a partir das referências oriundas da clínica psicanalítica. (LINS, 2011, p.63).

Lajonquière (1988), por sua vez, também inspirado em Manonni, defende a possibilidade de conexão entre psicanálise e educação. Ele acredita⁷ que a psicanálise tem a tarefa de esclarecer e iluminar o campo educativo quanto aos impasses que atravessam a educação no contexto contemporâneo.

As produções a partir das reflexões elucidadas por esses dois pesquisadores foram imensas, destacadas pelo campo da formação de professores, transferência na relação professor-aluno, assujeitamento das crianças, educação especial, entre outros.

Em 2020, ano de pandemia mundial causada pelo vírus do Coronavírus - Covid-19 e também de produção desta pesquisa, fomos agraciados com um compilado de pesquisas recentes acerca do tema da psicanálise e educação. Dois livros foram lançados pela editora ContraCorrente. No primeiro semestre do ano de 2020, *Paixão da Ignorância* de Christian Dunker e, no segundo semestre, *Retratos da Pesquisa em Psicanálise e Educação* de Rinaldo Voltolini, Rose Gurski e organizadores.

Respectivamente apresentados a seguir, o primeiro inaugura o que virá a ser uma coleção entre psicanálise e educação no Brasil com base nas pesquisas levantadas nos dias atuais. Dunker nos convida para reflexões fundamentais para se pensar a educação voltada para a escuta e pela escuta. O jogo de preposições traz justamente uma de suas principais críticas levantadas ao longo desse trabalho: a posição de escuta.

Assim, sua proposta ao longo da pesquisa apresentada, é de contribuir para a ideia de uma escola seja aprendente, não apenas nos termos dos alunos, mas sim da sociedade em que esse aluno apreende e está diretamente inserido. Em suas palavras, “o objetivo é dar voz aos educadores e psicanalistas tentando reduzir o hiato entre transmissão oral e a escrita, entre escola e universidade, entre prática e pesquisa, surgidas do chão da sala de aula.” (DUNKER, 2020, p. 24).

Esse trabalho é organizado em cinco partes. Na primeira parte, “A escola entre comunidade e instituição”, apresenta apontamentos sobre a obra e o impacto de Paulo Freire na educação, e a importância deste pensador para os avanços nas produções da psicanálise em conjunto com o campo da educação. Na segunda

⁷ Posicionamento apresentado por Lajonquière em sua aula EDF 5859, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, no dia 19 de agosto de 2021, denominada por: Psicanálise e Educação – O Estatuto do Sujeito

parte, “Educação para a escuta”, o autor apresenta a diferença entre ouvir e escutar, que são marcadas por uma condição orgânica própria do corpo humano, a audição. O escutar é apresentado enquanto uma habilidade a ser desenvolvida, escutar o que determinados barulhos sonoros tem a mais por dizer, ressaltando que isto é a principal ferramenta de trabalho de um analista: a escuta. Também apresenta o tempo de escuta necessário para compreensão das queixas escolares trazidas pelos alunos e pelo exercício da prática docente.

Já na terceira parte, “Do conhecimento ao reconhecimento”, o autor começa a introduzir o papel da escola enquanto formação ética e os espaços apresentados dentro de uma escola como fonte de apropriação para a formação do desejo de saber, dos alunos e do professor, de modo que, assim, possamos criar uma autonomia e um reconhecimento.

Na quarta parte, “Linguagem, fala e escrita”, Dunker traz a importância dos conceitos de alfabetização e de letramento e como esses podem impactar na constituição do sujeito e na ordem de seu discurso. Na quinta e última parte, “Psicanálise e Universidade”, traz, em quarenta e cinco páginas, alguns pontos para pensarmos a produção de psicanálise no campo da educação, elucidado por ele, pelo espaço da universidade. O foco é na produção da universidade brasileira e na angústia causada na produção dessas dissertações e teses. A finalização dessa obra chama atenção para as produções do campo, o que, por sua vez, também foi desde o início desta pesquisa, um dos nossos objetivos específicos.

O segundo volume dessa coleção, lançado em novembro de 2020, *Retratos da Pesquisa em Psicanálise e Educação*, também organizado em cinco partes, apresenta um compilado de pesquisas e intervenções liderados pelo Grupo de Trabalho Psicanálise e Educação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia e tem o objetivo de interrogar o enlace entre psicanálise, educação, pesquisa e política.

Um dos aspectos interessantes desse compilado foi identificar alguns nomes que foram anteriormente levantados no momento da coleta de dados de nossa pesquisa, como foi o caso do próprio Rinaldo Voltolini, Ângela Vorcaro e Simone Moschen, por exemplo.

As pesquisas apresentadas mostram que a consistência da posição da psicanálise no campo das ciências da educação depende menos de sua fama

pública e mais da possibilidade em dar conta da enunciação da demanda proposta pelo próprio campo educacional.

Voltolini (2008) ao situar a relação entre ensino e aprendizagem, a psicanálise não se baseia apenas em critérios objetivos e conscientes, como é o caso do discurso pedagógico. Esse discurso reforça a concepção de que são as técnicas e metodologias de ensino as responsáveis pela aprendizagem, e desconsidera o fato de que é o professor – quando está implicado em sua ação – o agente principal dessa tarefa. O cientificismo pedagógico leva a sociedade a lidar com o inconsciente pela evitação e, por outro lado, a psicanálise põe em cena justamente a dimensão inconsciente que permeia toda relação de ensino.

CAPÍTULO III – Psicanálise e Educação na Universidade Brasileira

Neste capítulo, apresentaremos o caminho metodológico representado pelo *paradigma indiciário*, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, bem como, o referencial teórico que utilizamos para pensar a força de um campo (psicanálise) e suas produções no campo da educação, será o do filósofo francês Pierre Bourdieu, principalmente os conceitos de *campo* e *illusio*.

3.1 Os indícios, o estranhamento, o método

Para pensar o objeto de estudo desta pesquisa, foi necessário passar por um movimento contínuo entre os conceitos de micro e macro, apresentados pelo historiador Carlo Ginzburg.

Para Aguiar (2012, p. 41):

ele se faz necessário visto que a descontinuidade da realidade impede sua compreensão completa. Nem uma micro-história nem uma macro-história dão conta de explicar a realidade. E como estas duas narrações estão em lugares diferentes, eles não formam um *continuum*, mas uma sequência de novas perguntas em vários níveis heterogêneos.

Esse movimento constitui-se para o historiador como sua principal proposta, denominada por paradigma indiciário. Ainda, segundo Aguiar (2012, p. 42), “o paradigma indiciário consiste numa produção de conhecimento histórico que parte de elementos normalmente negligenciáveis ordinariamente despercebidos e que não costumamos olhar com atenção”.

Em “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (1989), Ginzburg nos apresenta que é necessário reconstruir os rastros para tecer o fio da narração, do caminho da pesquisa. O historiador não pode se fixar somente em um dos aspectos encontrados, mas sim deve visar à articulação entre aquilo que o estranha e o fenômeno que aparece.

Aguiar (2012, p.44)

Na origem, há sempre um achado proveniente das margens de investigações inteiramente diversas. (...) Em cada circunstância, tive a súbita sensação de ter encontrado alguma coisa, talvez até alguma coisa relevante; ao mesmo tempo, tinha consciência aguda de minha ignorância. Às vezes, uma resposta relampejava (...), Mas não sabia qual era a pergunta. Somente a pesquisa permitiu formulá-la.

No caminho de nossa pesquisa, o objeto foi sendo desenhado a partir dos entraves que encontramos justamente entre perguntas que gostaríamos de fazer e aquelas que era necessário que fizéssemos. Em diversos momentos, foi necessário repensar o movimento entre o micro e o macro, pois olhar para um ou outro deixava mais lacunas do que análises.

[...] micro e o macro, consideração da distância e do estranhamento, observação de recorrências e anomalias. Utilizando de um rigor flexível, nós nos aproximamos do outro, preservando o indecifrável de tudo o que é humano, inclusive em nós mesmos, implicando-nos na escrita de uma narrativa que preserva o caráter de verdade e totalidade. (AGUIAR e FERREIRA, 2021, p. 7)

A partir desse olhar, pensamos a pesquisa com o conceito de estranhamento proposto pelo historiador italiano; pois, segundo Aguiar (2012, p.45), “o processo de estranhamento é o de rompimento com o óbvio, nossos hábitos perceptivos”.

3.2 Os procedimentos

Em sua obra, “O fio e os rastros” (2007), Ginzburg apresenta-nos que esse estranhamento é o que gera movimento para a pesquisa e possibilita certa tomada de consciência que nos instiga a buscar cada vez mais elementos que possam sustentar nossa pesquisa.

Para tanto, nosso ponto de partida foi uma pesquisa no Diretório de Grupos e Pesquisas do CNPq, para saber quais e quantos são os grupos cadastros relacionados ao objeto de nossa pesquisa. Para obtenção desses dados, fizemos uma busca com a inserção das seguintes palavras-chave: psicanálise, educação.

Um total de sessenta grupos foram encontrados, dos quais apenas quinze continham as palavras “psicanálise” e “educação” juntas no título do grupo. Os demais grupos apresentam palavras diversas interligadas, como por exemplo “a subjetividade na educação”, “filosofia da educação”, “linguagem e psicanálise”, entre outros.

Feito esse primeiro levantamento, passamos para a fase de saber quem são os sujeitos que fazem parte desses grupos de pesquisa. Para isso, foi necessária a organização desses dados em forma de uma planilha em Excel, de modo que

pudéssemos enxergar melhor a quantidade de pesquisadores envolvidos nesses grupos.

A planilha foi organizada com os grupos e, posteriormente, com todos os membros de cada grupo e suas respectivas formações acadêmicas. Um total de trezentos e sessenta e quatro pesquisadores foram mapeados, trazendo à tona as áreas de concentração do conhecimento, nas quais a psicanálise encontra apoio e estabelece diálogo para a continuidade de suas pesquisas. A partir desse montante quantitativo, vimos a necessidade de articulação com o modo como a psicanálise entra na universidade brasileira, levando-se em conta as áreas de concentração e o diálogo específico com a o campo da educação.

Esse mapeamento nos levou a uma nova busca na plataforma Sucupira, de modo que fosse possível uma melhor compreensão do macro em movimentação com os micros encontrados, sendo aqui tratados por sujeitos da pesquisa entre psicanálise e educação na universidade brasileira.

Para uma leitura do movimento desse macro (os grupos e linhas de pesquisa sobre psicanálise nas universidades brasileiras), que permita a compreensão desse micro (como a psicanálise se apresenta na universidade brasileira e através de quais programas e áreas de concentração, bem como ela dialoga com a área da educação, discutida dentro das universidades?). Ainda nesse percurso metodológico, dividimos o material em níveis formativos: graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Partindo desses elementos, conseguimos observar, em um primeiro momento, um pouco desse micro citado anteriormente. As áreas de concentração encontradas foram, na graduação, Psicologia, Letras, Pedagogia e Filosofia. Nos níveis de mestrado e doutorado, encontramos, respectivamente, Psicologia, Educação, Letras/Linguística, Filosofia e Psicanálise.

Ao observar essas áreas de concentração de formação, pudemos observar que as disputas dentro dessas áreas de concentração, em que a psicanálise encontrou um lugar para se disseminar, apresentam-se subdivididas em diferentes frentes, como o acaso das produções no campo da linguística e da formação de professores.

3.3 Bourdieu e o campo de produção intelectual

Pensando no momento das análises, recorreremos ao sociólogo e filósofo de formação francês Pierre Félix Bourdieu (1930 - 2002). Mais especificamente, ao conceito de *campo*.

O conceito de *campo intelectual*, que marca uma ruptura na sociologia da cultura, foi construído pelo autor a partir de suas investigações e considerações acerca do sistema escolar francês.

Em sua obra, "*Campo de poder, campo Intelectual*", o autor apresenta-nos que "as teorias e as escolas, como os micróbios e os glóbulos, se devoram entre si e com sua luta asseguram a continuidade da vida." (BOURDIEU, 1983, p. 8).

Nesse mesmo trabalho, o autor apresenta que o campo de produção de bens simbólicos, o campo do espaço social, assim como o campo intelectual permitem uma melhor compreensão mais ampla do autor e de sua obra; apresentados por ele em dois termos: 1) visão estruturalista (aquela que considera os determinantes sociais de uma produção) e 2) visão não relacional (considerando o autor ou a obra em si).

Nas palavras de Lima (2010, p. 14, grifos nossos),

Bourdieu sustenta que um criador e sua obra são determinados pelo sistema das relações sociais, nas quais a criação se realiza, como um ato de comunicação e pela **posição** que o criador ocupa na estrutura do campo intelectual – este irreduzível a um simples agregado de agentes ou instituições isoladas. O campo intelectual, ao modo do campo magnético, constitui um sistema de linhas de força: os **agentes** e **instituições** estão em uma **relação de forças** que se opõem e se agregam, em sua estrutura específica, em um lugar e momento dados no tempo.

A posição de disputa (relação de forças) em que a psicanálise se encontra até os dias de hoje, para ganhar espaço e tentar continuar a produzir seu conhecimento em um espaço de disputas, que é o meio acadêmico de produção científica, por exemplo.

Para tanto, faz-se – primeiramente - necessária a compreensão de um conceito fundamental de Bourdieu, o conceito de campo.

Compreender a gênese social de um campo e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas (BOURDIEU, 1998, p. 69)

Dessa forma, podemos dizer que o campo é estruturado pelas relações entre as posições ocupadas pelos agentes e instituições, ou seja, são as lutas travadas e seus interesses.

Segundo o autor,

É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (BOURDIEU, 1996, p. 61)

O campo é sempre caracterizado pelas lutas concorrenciais entre os agentes, em torno de interesses específicos. Lima (2010, p. 16) nos diz que:

[...] no campo da ciência as lutas concorrenciais acontecem em torno da autoridade científica; no campo da arte, em torno da legitimidade (ou autenticidade) dos produtos artísticos; no campo da psicanálise, em torno da autoridade psicanalítica (ou seja, quem tem autoridade para falar da psicanálise, para ser psicanalista) - que foi delegada, inicialmente pela autoridade maior, Freud, e, depois, por seus discípulos e as instituições que criaram, os quais fizeram parte da história da constituição desse campo.

A inserção e o diálogo da psicanálise com os demais campos, diz respeito a um desejo de continuidade do conhecimento psicanalítico proposto por Freud, e da possibilidade de ver a teoria sendo viabilizada eticamente em conjunto com essas outras áreas. Não à toa, há uma forte influência da psicologia nessa feitoria; visto que, no Brasil, a psicanálise surge como uma terceira força vigente para dizer sobre o homem e seus atos psíquicos, apresentada como uma diferente “abordagem” dentro dos cursos de psicologia, junto ao behaviorismo e à fenomenologia, até os dias de hoje.

Ainda segundo Lima (2010, p. 16), o campo de poder, que não se confunde com o campo político, é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou entre os agentes providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo. No caso da psicanálise, dois tipos de capital se têm em conta, principalmente: o cultural e o simbólico. O capital econômico dos agentes e instituições, embora possa ter algum peso, não tem nenhuma relevância no campo da psicanálise.

Mais adiante em sua pesquisa, Lima (2010, p. 17) apresenta-nos um pouco desse aspecto de relações de poder.

A depender da posição que ocupam na estrutura do campo, ou seja, na distribuição do capital simbólico específico, os agentes usam de estratégias, que são tomadas de posição, que podem ser de legitimação (conservação) ou de subversão, estas em confronto permanente com as forças de conservação - o que não implica em mudanças dos princípios de poder que estruturam um campo.

Poderíamos dizer que Lacan, dotado de capital simbólico e cultural significativo, subverteu as regras do jogo, até então dominadas pela IPA, e foi seguido por seus discípulos, em permanentes lutas concorrenciais pela legitimidade de seu legado.

Com a compreensão de campo proposta por Bourdieu, visamos identificar quais são as relações universitárias estabelecidas entre os campos do saber, que a psicanálise tem participado, principalmente - como foco deste trabalho - com o campo da educação; e verificar, junto a esses diálogos, as disputas. Acreditamos que, a partir de Bourdieu, seja possível estabelecer uma linha que melhor explique esse movimento de busca por espaço e reconhecimento de uma área.

De acordo com Lima (2005, p. 121),

à medida que se constitui um campo intelectual (que inclui necessariamente o corpo de agentes), definindo-se em oposição ao campo econômico, religioso e político, as funções que cabem aos diferentes agentes, segundo a posição que ocupam, tendem cada vez mais a se tornar o princípio unificador e gerador – e, portanto, explicativo - dos diferentes sistemas de tomadas de posição e o princípio de sua transformação no curso do tempo.

Podemos dizer que o grau de autonomia de um campo também é medido pelo grau em que se mostra capaz de funcionar como um mercado específico e de legislar com independência sobre a autenticidade de seus produtos, constituído por suas disputas e avanços no tempo.

Ainda sob a ótica de Lima (2005), a autora apresenta a construção da psicanálise enquanto um campo, que - por sua vez -, junto aos demais campos do conhecimento, insere-se numa disputa por reconhecimento de sua teoria e técnica.

- A gênese social do campo da psicanálise se deu pelos atos dos produtores (Freud e seus discípulos) e pelas obras por eles produzidas, em um contexto em que havia uma crença nas ideias do mestre, um jogo de linguagem próprio à psicanálise.
- O espaço de práticas específicas à psicanálise, constituído por práticas clínicas e de ensino, teve a sua história própria; caracterizado por um espaço de possíveis, tendente a orientar a busca dos agentes, definindo o universo de problemas, de referências, marcas intelectuais – todo um sistema de coordenadas, relacionadas umas às outras.
- O campo da psicanálise foi estruturado pelas relações objetivas entre as posições ocupadas no espaço social por Freud e seus discípulos, e as

escolas que fundaram: posições dominantes em relação ao capital cultural que possuíam (médicos e professores) e dominadas em relação ao capital econômico.

- O campo da psicanálise foi, como todos os campos, caracterizado pelas lutas concorrenciais entre os agentes, em torno de interesses específicos. Desde o início, houve dissidência entre os discípulos de Freud, competindo entre si pelo poder sobre a visão e o sentido dado pela psicanálise às dimensões psíquicas e sociais do sujeito e da cultura. Estas lutas ocorriam tanto no interior do campo como externamente: a oposição de forças vinha principalmente do campo da medicina tradicional e das instituições de ensino, com uma agravante: o antisemitismo, já existente na época.
- A afirmação da especificidade da psicanálise e sua irredutibilidade a qualquer outra forma de expressão é inseparável da afirmação da autonomia do campo de produção que ela supõe e reforça.
- Podemos afirmar o alto grau de autonomia de um campo ao tomarmos as duas lógicas antitéticas: a da obra desinteressada, que conhece apenas os lucros simbólicos, e a do comércio. Neste sentido, a campo da psicanálise pode ser considerado um campo com alta autonomia, o que significa ter o direito de definir, ele próprio, os princípios de sua legitimidade, e de constituir-se por seu próprio *nomos* (leis, regras), que incluem a ética que lhe é própria, definida a partir de dentro do campo, insubordinada às definições externas ao campo. (LIMA, 2005, p.124).

A consagração e o reconhecimento interno de um campo auxiliam na constituição desses espaços de disputas e busca pelo poder. Para Silva (2020, p. 37),

o grau de autonomia de um campo pode aumentar à medida que esse seja bem estruturado e não possua grande influência do macrocosmo para construir suas estruturas internas; no entanto, é claro que existem campos heterônomos, nos quais as pressões e problemas externos exercem sobre eles grande influência, como é o caso do campo jornalístico, amplamente influenciado pelo campo econômico e pela aprovação do público através do índice de audiência.

Para pensar as estruturas e a forma como a psicanálise ganha esse espaço e reconhecimento dentro de outras áreas, Bourdieu (2008) - acerca dos agentes que atuam no campo - diz

[...] atuam e que sabem, dotados de um senso prático (...), de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação. (BOURDIEU, 2008, p. 42).

De certo modo, a posição social ocupada pela psicanálise e por sua produção tem relação de força com a fala e o discurso que se propaga (HANKS, 2008). O falante é aquele que produz o discurso dentro de um determinado campo, para que - somente assim - se produza o que Bourdieu chamou de capital simbólico, e, ousamos dizer que é aqui que a psicanálise se encaixa.

Silva (2020, p. 43) explica que

[...] não se restringe a dinheiro, pois esse é apenas a manifestação do capital simbólico possuído. Obviamente, esse capital é distribuído de maneira desigual para poder haver dominantes e dominados, e, também, diferenciações entre os dominados e entre os dominantes. O capital pode ser de quatro tipos: (a) social (refere-se ao conjunto de redes estabelecidas pelo agente), (b) cultural (refere-se ao acúmulo ou à disposição acumulada de conhecimento e da vivência em um determinado meio social específico), (c) econômico (está diretamente relacionado aos bens materiais); e (d) simbólico (relacionado à partilha, entre os agentes, de sua significação e de reconhecimento de sua importância dentro do campo, por exemplo, a relevância de um cargo, diploma ou título).

Podemos observar, assim, que cada campo valoriza um capital específico para dizer sobre seu poder, “o capital vale *em relação com* um certo campo, portanto nos limites desse campo, e que não é convertível numa outra espécie de capital a não ser em certas condições” (BOURDIEU, 2003 [1984], p. 121). A valorização varia entre e dentro dos próprios campos, e o mesmo acontece com o da psicanálise.

Pensar que o capital simbólico da psicanálise tem efeito a partir do momento que observamos, tanto na criação do banco de dados, como no momento da revisão da literatura, a força que esse campo tem para se manter ativo ainda nos dias de hoje, dialogando com as demais áreas do conhecimento, mesmo não sendo considerado uma.

A partir de Silva (2020), vimos que dentro do campo social, cada valor é óbvio e, geralmente, não necessita ser explicado; esses valores são incentivados e naturalizados desde quando os agentes são muito novos, o que ajuda a manter as pessoas no campo, a aceitar o campo como ele é e, conseqüentemente, mantê-lo.

Uma espécie de conhecimento baseado no fato de ter nascido dentro do jogo, de pertencer ao jogo pelo nascimento: dizer que conheço o jogo desse modo significa que o tenho no sangue, no corpo, que ele joga em mim sem mim; um pouco como quando meu corpo responde a um pontapé antes mesmo de eu o ter percebido enquanto tal (BOURDIEU, 1989, p. 44 *apud* LAHIRE, 2002, p. 51).

Esse movimento, Bourdieu chamou de *Illusio*. Em Silva (2020, p.46),

essa corrida pelo poder e pela dominação é um dos seus fatores estruturantes, pois os campos são ao mesmo tempo espaços de discordância e de aceitação implícita do seu funcionamento; fundamenta-se, dessa forma, em um paradoxo. Ao mesmo tempo, os agentes são competidores e protetores das regras do jogo: competem para a mobilização ou manutenção de suas posições no campo, mas também apresentam uma cumplicidade objetiva que está subjacente a todos os antagonismos.

É a partir desse movimento de busca por espaço e reconhecimento, de relação com as estruturas em prol da manutenção do poder e dos avanços, que o campo psicanalítico ganha força e espaço nas discussões entre as mais diversas áreas do conhecimento (LIMA, 2005).

É devido a sua constituição e à forma como se estruturou com uma terceira ruptura do pensamento filosófico acerca da concepção de homem, que a psicanálise é - ainda hoje - muito referenciada e buscada como base nas discussões da academia.

Isto posto, iremos estabelecer as análises em diferentes momentos de caracterização, temas, relações e produções que pudemos enxergar a partir do movimento entre a criação do banco de dados com os referenciais teóricos.

3.4 O banco de dados e o panorama

O panorama apresentado aqui das produções em psicanálise e educação na Universidade Brasileira, partiu da constituição de nosso banco de dados, contendo informações sobre grupos de pesquisa, seus membros, bem como, a formação de cada membro de cada grupo. Dessa forma, foi possível mapear os sujeitos que trabalham com psicanálise nas universidades brasileiras, e aqueles que ainda, pesquisam em psicanálise e educação no país.

A seguir, apresentaremos em seções, um panorama destas produções e seus temas de enlace entre psicanálise e educação que vem sendo produzidos nos programas de pós-graduação das universidades brasileiras nos últimos cinco anos.

3.4.1 – Caracterização dos grupos de pesquisa

O levantamento da quantidade de grupos, foi pensado para auxiliar na compreensão de por quais vias a psicanálise é discutida hoje, nas Universidades.

A partir deste movimento de coleta, chegamos a um total de 60 grupos cadastrados no diretório de grupos de pesquisas do CNPQ, dos quais, 12 discutem diretamente sobre psicanálise e educação. Por que dizemos aqui diretamente? Por meio da coletânea, foi possível identificar também em que outras áreas a psicanálise encontram suporte para estar dentro das universidades.

Dentre o todo, destacam-se, segundo nomenclatura da plataforma Sucupira em fevereiro de 2021, quatro subáreas das ciências humanas, sendo elas:

1. Ciências Humanas – Psicologia
2. Ciências Humanas- Linguística, Letras e Artes
3. Ciências Humanas – Educação
4. Ciências Humanas – Filosofia

O diálogo estabelecido entre a psicanálise e outros campos, como é o caso da educação, nos leva a pensar com Bourdieu (1989), acerca da autonomia de um campo que pode aumentar à medida que esse seja bem estruturado e não possua grande influência do macrocosmo para construir suas estruturas internas, ou seja, que também funcione de modo independente.

Ainda segundo Bourdieu (1989) o campo social é estruturado em posições sociais ocupadas por agentes e em relações entre esses e, nele, existem leis e regras específicas e invariantes, sendo formais (leis, por exemplo) ou simbólicas, as quais não estão escritas, mas são respeitadas por grande parte dos integrantes do campo. Quanto mais o agente conseguir se adequar a essas regras, maior a chance de se manter ou de subir de posição dentro do campo.

Para pensar na constituição de um campo, devemos levar em consideração os apoios que o seguem e que possibilitem que esta ascensão ocorra. Devido a Medicina estar preocupada com as questões de cura do corpo humano, no que diz respeito aos seus aspectos fisiológicos principalmente, é possível que a partir desta premissa a psicanálise tenha encontrado amparo nessas outras áreas mencionadas; pois essa está mais preocupada com as questões do fazer humano, mais especificamente do inconsciente humano.

A partir de Lima (2005), os que se apropriam de um pensamento, pensando que é o seu próprio, estão, na verdade, imersos em um inconsciente cultural de uma época, de um sentido comum que faz possíveis os sentidos específicos nos quais se expressa.

A relação que o intelectual sustenta com a escola e com seu passado escolar tem um peso determinante no sistema de suas eleições intelectuais inconscientes. E ficam predispostos a manter com seus iguais uma cumplicidade, com os quais compartilham lugares comuns, não somente um discurso e linguagem comuns, mas também campos de encontro e de entendimento, problemas comuns e formas comuns de abordar esses problemas comuns.

Para uma melhor visualização deste apontamento, verificamos quais as áreas de concentração de formação dos sujeitos que participam destes grupos de pesquisa.

Um total de 364 sujeitos foram mapeados em diferentes graus formativos – graduação, especialização/aperfeiçoamento, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Para tanto, encontramos as seguintes informações, como as principais áreas de formação: Psicologia, Letras, Pedagogia e Filosofia.

Quadro 1 – Principais áreas de formação acadêmica dos pesquisadores em Psicanálise nas Universidades Brasileiras.

ÁREAS	GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
psicologia	268	104	135	125
letras	73	17	70	70
pedagogia	32	18	58	70
filosofia	30	19	40	38
psicanálise	--	--	32	30
Outros*	51	133	44	29
TOTAL	454	291	379	362

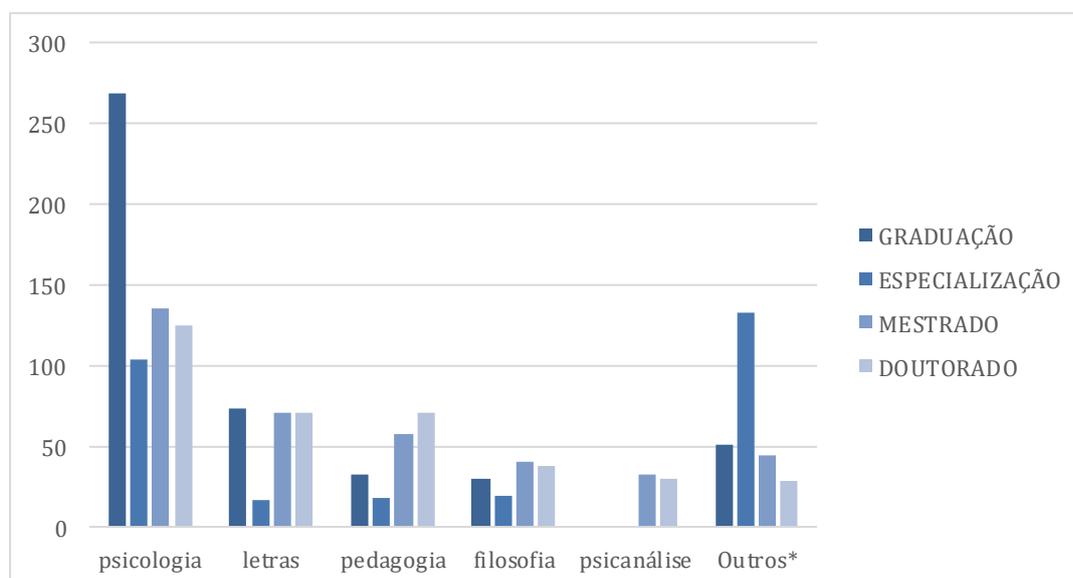


Figura 1 – Distribuição gráfica da distribuição das áreas de formação acadêmica dos pesquisadores em Psicanálise nas Universidades brasileiras (Quadro 1).

A partir destes dados apresentados, pensamos em como se dá a divisão por áreas de concentração dos grupos que trabalham com psicanálise e educação, o que será discutido no próximo item.

3.4.2 – Caracterização dos grupos de pesquisa por áreas de concentração

Num total, foram mapeados 60 grupos de pesquisas cadastrados no diretório de grupos do CNPQ (Em anexo nesta pesquisa). Para o recorte deste eixo de caracterização, destacaremos os 12 grupos que apresentam em sua nomeação as palavras (psicanálise e educação), devido ao nosso objetivo nesta pesquisa.

A seguir no quadro abaixo:

Quadro 2 – Grupos de pesquisa em Psicanálise e Educação por Universidade.

GRUPO DE PESQUISA	UNIVERSIDADE
<i>Educação, Subjetividade e Psicanálise</i>	UNIB
GAP(E) - Grupo Alteridade Psicanálise e Educação	UFF
GEPPE(Rs): Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Educação e Representação Social	UFMS
Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Educação – GEPPSIE	UFPA
Grupo de estudos e pesquisa: educação, infância, arte e psicanálise	PUC-GOÍAS
Grupo de Pesquisa Psicanálise e Educação	UNIOESTE
NEPSEA - Núcleo de Estudos em Psicanálise na Saúde, Educação e Artes	UEPB
NEPEEP - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Psicanálise	UFSM

NUPPEC - Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura	UFRGS
NIPSE - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação	UFMG
Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade	UFPI
Psicanálise, Educação e Laço Social	UFF
Ser em vibração: estética, psicanálise, linguagem e educação	UERJ

Os estados apresentados em ordens respectivas do aparecimento da tabela acima, são: Rio de Janeiro, Pará, Paraná, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Sul, o que demonstra também a forma como as discussões em psicanálise e educação se difundiram pelo país.

Essa divisão por estados pode ser lida a respeito da condição socioeconômica do país e a diversidade de capital financeiro, visto que alguns estados recebem mais financiamento que outros devido a densidade da população e das produções que aquele estado produz também, no sentido de relevância científica considerada por esses financiamentos. O que por sua vez, nos permite pensar acerca da desigualdade social presente no país e na forma como o poder atrela-se também ao não só ao acúmulo de capital financeiro, mas segundo Bourdieu (1989), a influência que o capital tem perante as decisões do coletivo, podendo ser este, o *capital intelectual*.

A produção em psicanálise e educação encontra amparo não apenas na área da educação, mas na área da Linguística e Psicologia por exemplo, e ainda assim, dentro destes grupos que não necessariamente contêm a palavra-chave psicanálise e educação em seu título, ainda há a produção de conhecimento a respeito dessa interseção, como o caso do Lajonquière e Kupfer, já citados anteriormente nesta pesquisa.

Lajonquière por exemplo foi orientador de pós-doutorado de Marcelo Ricardo Pereira, graduado em Psicologia pela PUC-MINAS, e que tem suas produções atreladas ao *NIPSE -UFMG*.

Outro momento de destaque se dá no *Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura – NUPPEC*, onde Lajonquière foi orientador de pós-doutorado, também de Marcelo Ricardo Pereira.

Neste momento podemos destacar a difusão regional, representadas aqui pelo recorte do banco de dados, por meio de Pereira Lajonquière o orientou em dois pós-doutorados, ambos realizados na França, e hoje Marcelo Pereira participa de dois grupos de pesquisas diferentes, um em Minas Gerais, e outro no Rio Grande do Sul.

Assim sendo, nos colocamos a pensar acerca das relações estabelecidas entre os membros de cada grupo, as relações de orientação acadêmica em mestrados e doutorados, e como estes sujeitos partilham ou não, hoje, o mesmo grupo de pesquisa. Pensaremos mais sobre isso, no próximo item.

3.4.3 – Caracterização das orientações em pesquisa

A partir deste levantamento, foi possível identificar em nosso banco de dados, quais os nomes dos orientadores que aparecem com maior recorrência de orientações.

O critério de tratamento utilizado foi o percentil de > 5% de orientações. A seguir:

Quadro 3 – Relação dos orientadores com maior número de orientações e suas vinculações aos respectivos grupos de estudos e programas.

Orientadores	Universidade	Grupo	Programa
Valdir Heitor Barzotto.	USP	Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise: GEPPEP.	PPG. Educação
Luiz Roberto Monzani.	UNICAMP	Grupo de Pesquisa em Filosofia e Psicanálise// Outrarte// PsiPoliS : Psicanálise, Política, Significante// Filosofia da	PPG. Filosofia

		Psicanálise// Grupo de Pesquisa em Filosofia e Psicanálise	
Tania Maria José Aiello Vaisberg.	PUCAMP	Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade	PPG. Psicologia do Centro de Ciências da Vida
Ana Cristina Costa de Figueiredo.	UFRJ	Grupo de Pesquisa Clínica em Psicanálise	Instituto de Psiquiatria, Programa de Psiquiatria
Regina Herzog de Oliveira.	UFRJ	GAP(E) - Grupo Alteridade Psicanálise e Educação// marginália - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo// NÚCLEO DE PESQUISA EM PSICANÁLISE, MEMÓRIA E MUSICALIDADES	Instituto de Psicologia, Pós-graduação em Teoria Psicanalítica
Claudia Rosa Riolfi.	USP	Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise	Faculdade de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada
Simone Moschen Rickes.	UFRGS	Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura - NUPPEC	Instituto de Psicologia
Maria Cristina Candal Poli.	UFRJ	Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política	Instituto de Psicologia
Edson Luis Andre	UFRGS	Núcleo de Pesquisa em	PPG. Psicologia

de Sousa.		Psicanálise, Educação e Cultura - NUPPEC	Social e Institucional
Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi.	Universidade do Vale do Sapucaí	PsiPoliS : Psicanálise, Política, Significante	PPG. Educação
Leandro de Lajonquière	USP	Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise	PPG. Educação
Marta Rezende Cardoso	UFRJ	marginália - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo	Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica
Richard Theisen Simanke.	UFJF	Psicanálise: Clínica, Teoria e Cultura	Instituto de Psicologia

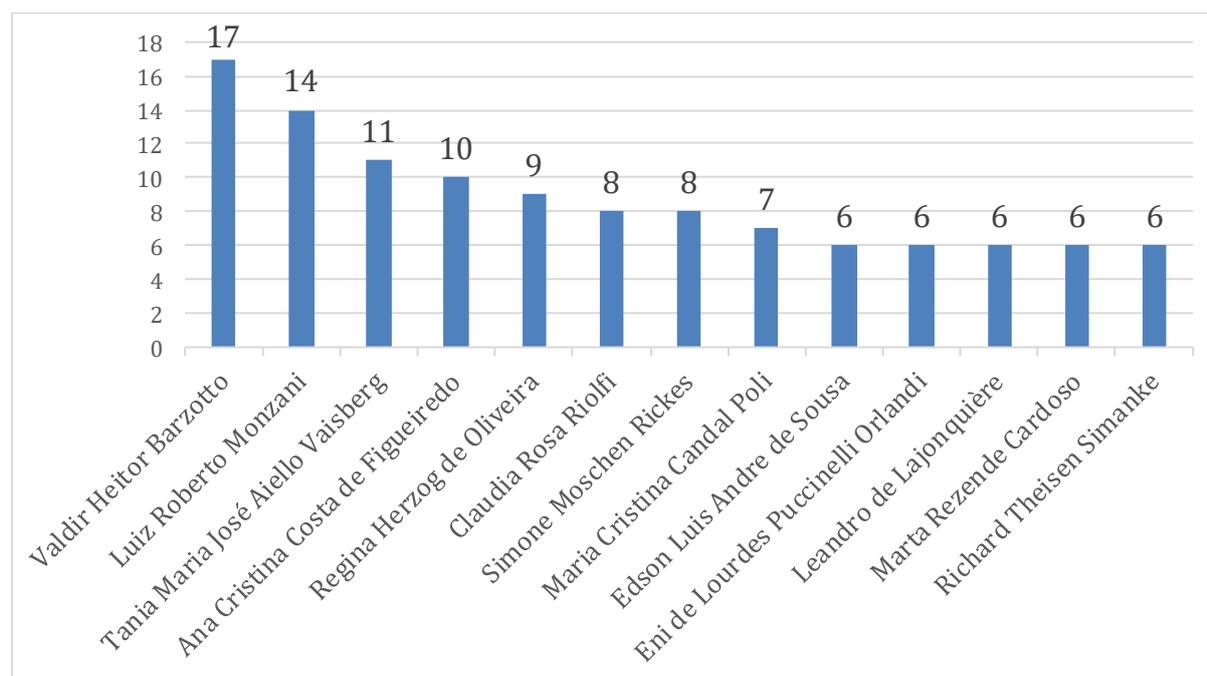


Figura 2 – Número de orientações realizadas a outros pesquisadores presentes também em nosso banco de dados, que ainda pesquisam em psicanálise e educação nas universidades brasileiras.

Para tanto, vale ressaltar que as informações apresentadas aqui estão disponíveis publicamente no currículo Lattes dos pesquisadores apresentados acima.

Iniciaremos nossas articulações, seguindo a ordem apresentada na (Figura 2) acima.

Valdir Heitor Barzotto é professor titular da Faculdade de Educação da USP (2019). Possui graduação em letras pela Universidade Federal do Paraná (1986); especialização em Metodologia e Prática do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1988); mestrado em linguística (1992) e doutorado em linguística (1997), ambos pela Universidade de Campinas; e um pós-doutorado também na área de linguística pela Universidade Paris VIII na França (2010).

Barzotto aparece como orientador de 17 outros sujeitos, que continuam a produzir suas pesquisas em psicanálise e educação. Vale ressaltar que destes, 9 pertencem ao mesmo grupo de estudo que ele, na USP, o “*Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise*”, o qual também é coordenador.

Chamamos atenção para este grupo acima, uma vez que ele não foi apresentado como um dos grupos que contém em seu título as palavras – psicanálise e educação – juntas. Porém, é nele que encontramos o nome que hoje mais produz na intersecção dessas duas áreas.

Isto posto, vale pensar um pouco sobre os temas trabalhados por esse sujeito.

Dos temas trabalhados por ele, destacam-se: 1. Linguagem e Educação; 2. Análise do Discurso; 3. Formação de Professores.

Com base na análise de sua produção bibliográfica dos últimos 5 anos, foi possível perceber que sua pesquisa visa compreender as diferentes configurações da dimensão política por meio da recorrência de alguns termos em enunciados nos discursos que configura as pesquisas em educação, bem como, analisar os modos por meio dos quais os discursos sobre avaliações educacionais constituem-se, problematizando, linguística e discursivamente, como eles se estruturam e se ramificam.

Seguindo na apresentação da (Figura 2), Luiz Roberto Monzani (1946 – 2021), foi um filósofo que teve sua graduação em filosofia pela Universidade de São Paulo (1972) e doutorado em filosofia pela mesma instituição (1973- 1982). Sua

tese leva o título de: “*Freud: o movimento de um pensamento*”, marcando também sua relação com o campo da psicanálise e o diálogo desta com a filosofia.

Suas linhas de pesquisa estão inseridas em História da Filosofia e Epistemologia da psicanálise.

A correlação de Monzani com as pesquisas na área da educação podem ser pensadas a partir de quem foi sua orientadora, Marilena Chauí.

Marilena Chauí é uma escritora e filósofa brasileira, muito citada nos trabalhos da área da educação. Possui graduação em filosofia pela Universidade de São Paulo (1965), Especialização em licenciatura no mesmo ano e mesma instituição – o que possivelmente marca seu primeiro elo com o campo da educação-, mestrado em filosofia (1967) e doutorado em filosofia (1971) também pela Universidade de São Paulo.

Em suas linhas de pesquisa, os setores de atividade concentram-se na educação, das mais referenciadas da autora, estabelece seu pensamento de ideologia e educação e democracia e direito na educação.

Monzani também fez parte do curso de especialização “Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise”, oferecido pelo Departamento de Filosofia da USP entre os anos de 1984 e 1997. A marca da psicologia neste momento, também o aproxima das discussões com o campo da educação, devido aos próprios diálogos desenvolvimentistas propostos pelo campo da psicologia na educação, e Monzani debatia diretamente com esses pressupostos, amparando-se nas ideias da psicanálise e da filosofia.

As produções de Monzani encontram-se citadas por seus orientandos nas mais diversas regiões do país, ressaltados aqui, principalmente, pelos estados do Paraná e São Paulo. E estes por sua vez, estabeleceram um diálogo mais aprofundado com o campo da educação.

A terceira pesquisadora que apresentamos aqui, é Tania Maria Jose Aiello Vaisberg.

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1974) e mestrado (1980) e doutorado (1986) em Psicologia Clínica pela mesma instituição.

Atualmente é professora da Faculdade de Psicologia e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas. Suas pesquisas destacam-se nos processos de desenvolvimento humano em contextos clínicos,

institucionais, educativos, comunitários e laborais, e a intervenções psicossociais e psicoterápicas possíveis no campo educacional.

Vale ressaltar que assim como Barzotto, Vaisberg ainda trabalha com 7 sujeitos que foram seus orientandos de mestrado e/ou doutorado, ainda presentes em seu grupo de pesquisas da USP – *Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade (vigente desde 1999)*, veiculado ao departamento de Psicologia.

Dentre as pesquisas produzidas por seus ex-orientandos, destaca-se pesquisas com a temática do Ser Professor e do Fazer Docente e das relações produzidas no contexto e ambiente acadêmico, como é o caso de Marcela Teixeira e Rafael Aiello (filho de Vaisberg).

Na temática de Formação de Professores, Novas Tecnologias e Escrita e Psicanálise, temos a figura de Claudia Rosa Riolfi. Graduada em Letras pela UNITAU (1983), e com mestrado (1991) e doutorado (1999) em Linguística pela UNICAMP.

Dentre suas produções, destacamos aqui, um de seus projetos de pesquisa, denominado por - Leitura e Escrita em contextos ruais e/ou multiculturais. Tal projeto é coordenado e aprovado por Barzotto (o orientador com maior número de orientandos em psicanálise e educação, já citado acima nesta pesquisa) desde 18 de novembro de 2020, e tem por objetivo, investiga a leitura e a escrita de alunos oriundos de comunidades distantes cultural, geográfica e historicamente do sistema escolar onde desejam se inserir, como costuma ser o caso de migrantes, imigrantes, refugiados, quilombolas, integrantes de comunidades rurais.

Vale destacar que juntos, eles orientaram 25 sujeitos que hoje produzem conhecimento acerca de psicanálise no país, em intersecção com a educação ou outros campos do conhecimento, mas principalmente, a educação.

Simone Moschen, é psicóloga graduada pela UFRGS (1990) e possui mestrado (1997) e doutorado (2002) em Educação pela mesma instituição.

Dentre suas linhas de pesquisa encontram-se: Ética, alteridade e linguagem na Educação. Já em nível de graduação, ministra disciplinas como Psicologia da Educação – *a criança das series iniciais (Fundamental I e II)*; momento em que desenvolve também, segundo ementa disponível no site da UFRGS.

Moschen, atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da mesma instituição, e visa:

Investigar as articulações entre ética, alteridade e linguagem, em suas dimensões teóricas e práticas, no campo da educação. Reúnem-se nela estudos que buscam: a) pesquisar as diversas modalidades de laço entre educação e os processos de subjetivação, em sua relação com a linguagem e a cultura; b) trabalhar com as imagens do outro que percorrem a educação, desde uma perspectiva política, poética e filosófica, considerando suas implicações para os discursos e as práticas pedagógicas; c) investigar modos de subjetivação na cultura da imagem; d) analisar processos de rearticulação discursiva e a construção de novas estruturas institucionais educacionais na perspectiva de projetos político-pedagógicos contra-hegemônicos; e) discutir e problematizar as formas de racionalidade que sustentam a educação, bem como a própria reivindicação ética desse campo, diante dos diferentes contextos culturais e da dimensão de historicidade do agir humano. (Site da UFRGS, acesso em agosto de 2021)

Maria Cristina Candal Poli e Edson Luiz André de Souza orientaram sujeitos na área da psicanálise na pós-graduação, com temáticas voltadas a clínica e o fazer do analista. Não apresentam traços de relação com o campo da Educação em seus currículos, tampouco seus orientandos.

Um outro ponto a ser destacado neste momento, foi o não aparecimento⁸ da UNICAMP na tabela de grupos que pesquisam acerca de psicanálise e educação nas Universidades Brasileiras, mas uma figura presente com um número relevante de orientandos, foi Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi.

Orlandi possui graduação em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1964), criada primeiramente como um instituto isolado, integra-se hoje a UNESP. Fez mestrado (1970) e doutorado (1976) em Linguística pela Universidade de São Paulo, e dois pós-doutorados pela Universidade de Paris VII nos anos de 1997 e 1998.

Das orientações de Orlandi, encontram-se sujeitos que continuam suas pesquisas ativamente em psicanálise na Universidade de Campinas, nos grupos de pesquisa – Outrarte (entre psicanálise, ciência e arte), como é o caso de Maria Lemos e Conceição Azenha, e no grupo – PsiPolis (Psicanálise, Política e Significante), aqui sendo representado pelo próprio coordenador do grupo, Lauro Baldini.

⁸ Cabe salientar nosso reconhecimento a todos os pesquisadores citados anteriormente nesta pesquisa, e sua relevância para as contribuições no campo da psicanálise e educação. Porém para o recorte panorâmico desta pesquisa, salientamos aqueles que tem um maior número de produção nos últimos cinco anos.

Numa análise mais recente de sua produção, é possível ressaltar, que no trabalho do ensino da leitura e da escrita, sua proposta visa, trabalhar a noção de versões, de reformulação, de substituição, de sinonímia, de ressignificação, de deslocamento no processo de aprendizagem e que assim se faz necessário pensar sobre a noção de processo discursivo e de produção do discurso do falante e daquele que recebe, no caso o aluno.

Destacamos a presença da Universidade Estadual de Campinas, pois foi também, o lugar em que tive meu encontro com a Psicanálise oferecida fora do campo e do curso de Psicologia. Meu primeiro contato, e ousado aqui dizer, motivador para realização desta pesquisa, se deu em um encontro com a transmissão da psicanálise no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL (UNICAMP) com a fala de Maria Teresa Lemos (orientanda de doutorado de Orlandi) no ano de 2017 em um curso de extensão intitulado de *Linguagem e Criança na Psicanálise* seus processos formativos/educacionais.

Na temática de Infância e Adolescência, temos Marta Rezende Cardoso, graduada em Psicologia pela PUC-RJ (1978) e com mestrado em Psicologia Clínica também na PUC em (1990) e doutorado em Fundamentos da Psicopatologia e Psicanálise, pela Universidade de Paris VII (1995). Marta tem ex orientandos nos grupos de pesquisa da UFMG, como é o caso de Camila Peixoto Farias, que pesquisa em Psicanálise, Gênero e Diversidade na Adolescência.

Em Psicanálise e Linguagem, encontra-se também, Richard Theisen Simanke. Graduado em Psicologia pela UFRGS (1987), e com mestrado (1992) e doutorado (1997) em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Em suas discussões sobre os fundamentos da psicanálise freudiana e das correntes psicanalíticas que a sucederam, encontra-se uma discussão epistemológica da própria psicanálise e suas diferentes aplicações em diferentes campos, como por exemplo, o da educação.

3.4.4 – As principais produções do campo da psicanálise e educação na universidade brasileira

Buscando apresentar as produções do campo psicanálise e educação, destacamos, como um critério de tratamento dos dados de nosso banco de dados,

as produções mais recentes da área, entendidas aqui como pelo menos uma publicação ao ano para os avanços do campo. Dessa forma, os autores que se destacam dentro deste critério são: Valdir Heitor Barzotto, Rinaldo Voltolini, Claudia Rosa Riolfi, Leandro de Lajonquière, Maria Cristina Machado Kupfer, Elisabete Aparecida Monteiro.

Vale ressaltar que todos os nomes apresentados se referem a pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP). Tal fator, pode ser explicado pelo próprio percurso pedagógico de cada pesquisador. Os seis pesquisadores tiveram suas formações de graduação, mestrado, doutorado no estado de São Paulo, na Universidade de São Paulo - USP, ou na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Esse movimento destaca a continuidade da produção de conhecimento desses profissionais dentro da mesma instituição. O que vimos anteriormente nesta pesquisa que se deu ao longo do processo histórico, pelo reconhecimento desses temas, dentro destes espaços. Pode-se dizer que houve acolhimento para continuidade de suas pesquisas para além da aquisição de suas titulações, algo na grade desses cursos que permitem a continuidade das pesquisas desses profissionais.

Quando pensamos na absorção da psicanálise pela psicologia, vemos aqui um grande destaque em relação a esse fenômeno. Cinco dos nomes citados acima, possuem graduação em psicologia, e os outros dois, em letras. Há nestes campos do conhecimento, uma possibilidade de diálogo com a psicanálise e propriamente dito, das produções em psicanálise e educação.

Uma das maneiras possíveis de continuidade da produção de conhecimento se ampara nos discursos do campo da educação e das questões do desenvolvimento infantil. A psicanálise apresentada por esses pesquisadores, toca justamente nesses argumentos atuais, de como a psicanálise pode auxiliar no próprio campo da educação.

Dentre os temas trabalhados por eles, encontram-se: Linguagem e Educação, Análise do Discurso, Formação de Professores, Constituição do Sujeito. Em suas produções dos últimos cinco anos, destacam-se as principais revistas.

Quadro 4 – Relação dos pesquisadores com mais publicações nos últimos cinco anos.

PESQUISADORES	REVISTAS
Valdir Heitor Barzotto	Educação e Pesquisa, Educação: Teoria e Prática, Estilos da Clínica.
Rinaldo Voltolini	Estilos da Clínica, Educação e Pesquisa, ETD: Educação Temática Digital.
Claudia Rosa Riolfi	Estilos da Clínica, Língua & Letras, Educação e Pesquisa.
Leandro de Lajonquière	Estilos da Clínica, Educar em Revista, Política e Sociedade.
Maria Cristina Machado Kupfer	Educação e Contemporaneidade, Estilos da Clínica, Estudos e Pesquisas em Psicologia.
Elisabete Aparecida Monteiro	Estilos da Clínica, Educação e Realidade, Revista Ciência e Tecnologia.

Ao observamos as principais revistas em que esses sujeitos publicam seus trabalhos, destaca-se em comum a todos, a revista *Estilos da Clínica - Revista sobre a infância com problemas é a partir de 2019 uma publicação do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância - LEPSI IP/FE USP - em colaboração com o Lugar de Vida. Centro de Educação Terapêutica, e editada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).* (INFORMAÇÕES RETIRADAS DA PÁGINA ONLINE DA REVISTA, novembro de 2021).

A *Estilos da Clínica, Revista sobre a infância com problemas* visa a sustentar um espaço editorial de natureza interdisciplinar, tendo como eixo a psicanálise voltada à discussão das vicissitudes do tempo da infância e da educação tanto familiar quanto escolar.

Em seu último compilado, “v. 26 n. 2 (2021): Outra clínica, outra escola: psicanálise e educação em tempos de pandemia - Parte II”, encontramos textos referentes aos principais temas apresentados pelos autores acima, como por exemplo: constituição do sujeito, linguagem.

O texto de Elisabete Monteiro e Mariângela de Andrade, sendo a primeira apresentada, ex orientanda de Leandro de Lajonquière, intitulado: “Do mal-estar ao educar – desdobramentos do diálogo entre psicanálise e educação”, nos apresenta

os efeitos do encontro entre os campos da psicanálise e educação, nas palavras das autoras, já no resumo do artigo propõe,

[...]uma análise do atual cenário dos ideais que rondam a Educação, especialmente, a aposta num pretensão domínio científico, visando formar alunos cognitivamente e emocionalmente ideais. Esse percurso permite apurar uma crise proporcional ao volume de teorias em educação, o que justifica situar a psicanálise como via privilegiada pela qual é possível redimensionar os ideais colocados nesse campo (MONTEIRO; ANDRADE, 2021, p. 1-2)

As autoras apontam para as contribuições atuais da psicanálise na educação, e enfatizam a superação da ideia de profilaxia das neuroses, já mencionada no momento de revisão de literatura dessa pesquisa.

Diante dessa nova perspectiva, torna-se impraticável a sustentação do entusiasmo e da aposta na profilaxia das neuroses pela via de uma reforma na cultura e na Educação. O exame dos fenômenos que põem em xeque o domínio irrestrito do princípio do prazer revela a dimensão de um gozo impossível de ser alcançado e cuja busca aponta para um fator mortífero ligado à sexualidade (MONTEIRO; ANDRADE, 2021, p.5).

Dentre o diálogo apresentado pelas autoras entre a psicanálise e educação, destacam relevância para o tema da transferência, o que por vez, se faz entre um dos mais pesquisados na atualidade entre os campos da psicanálise e educação.

Elisabete Monteiro em seu livro, *ENTRE PROFESSOR E ALUNO: um estudo psicanalítico sobre transferência* (2016), momento que a autora nos apresenta transferência ligada ao desejo de saber.

O desejo de saber é, então, despertado pelo enigma da origem dos bebês, que conduz a criança a conjecturar sobre um conjunto de hipóteses aparentemente absurdas, como o nascimento dos bebês a partir o seio materno, do umbigo materno, ou ainda do ânus, como no ato de evacuar (MONTEIRO, 2016, p.122).

Podemos dizer que o desejo de saber da criança deriva das partes do próprio processo de conhecimento de si e do mundo ao seu redor, das relações estabelecidas entre si, e com os outros.

Mais adiante, Monteiro acrescenta:

[...] semelhantes proposições sobre o desejo de saber e o aprender remetem à sua origem sexual, desejo e movimento, o que pela via da sublimação, pode encontrar satisfação numa pluralidade de objetos, inclusive não sexuais, como, por exemplo, os produtos culturais, num processo no qual a educação certamente desempenha um papel social da mais alta importância (MONTEIRO, 2016, p. 124)

O desejo de saber, em Freud e Lacan deriva da angústia da castração, momento em que o sujeito endereça ao outro a resolução de sua angústia, de sua

perda simbólica. Momento em que o outro sabe daquilo que eu não sei, ele tem a resposta e poder.

Ao pensarmos com esse pressuposto do desejo de saber, a transferência se instaura no campo da educação, principalmente pela via do lugar de poder em que o aluno coloca a figura de autoridade professor, sendo este, aquele que sabe, aquele que tem o poder e a resolução para minha sede por saber.

Bourdieu (1998) apresenta a força do capital simbólico produzida pela sede por saber. Há um depósito de esperança em determinadas áreas, como o caso da psicanálise, de que existe ali nessa área, a resposta para aquilo que eu desconheço em mim. Justamente esse desejo de saber, que faz com que a psicanálise esteja presente ativamente nas mais diversas discussões, incluindo o campo da educação.

Ainda com Monteiro (2016, p. 126)

O aluno aposta na transferência com seu professor porque supõe nele o saber sobre o lugar que ele ocupa no mundo, o saber sobre a vida adulta, sobre o tornar-se adulto, assim como sobre o desejo dos pais que o mantém na escola. Para o aluno, enfim, o professor é quem supostamente sabe sobre o seu desejo, ou seja: *um sujeito suposto saber*.

Para a psicanálise, é importante que o professor sustente esse lugar de suposto saber em que o aluno o coloca, como forma de alimentar a busca constante pelo seu desejo, e ao mesmo tempo, deve demonstrar que não sabe sobre tudo e que por isso, busca ir atrás de seus conhecimentos atualizando-se sempre, e não ocupando assim um lugar hierárquico e de não incentivo da produção de seus alunos, por acreditar que de fato, sabe mais. Monteiro (2016, p. 129) “final, o professor não tem domínio sobre a transferência na ‘relação’, algo idealizada, com seus alunos. De fato, ninguém tem”.

Acrescenta ainda que:

A noção de transferência vem, assim, revelar aos pedagogos, não apenas a complexidade inerente ao encontro entre dois sujeitos, pois nele os envolvidos atualizam a realidade de seu inconsciente, como também vem revelar a impossibilidade da própria ideia de relação, no sentido de um ajuste, uma suposta adequação entre uns e outros (MONTEIRO, 2016, p. 150).

A autora finaliza seu trabalho, nos apresentando a ideia de que é somente através da suposição de saber endereçada ao professor pelos alunos, que esses alunos podem alcançar a condição de transmissão dos saberes por ele constituídos, e esses sim, atingem níveis possíveis. O educar só é possível nessa relação de mediação entre professor-aluno-mundo.

Seguindo nas contribuições da psicanálise à educação, Claudia Riolfi e Valdir Heitor Barzotto, têm um livro publicado juntos pela editora Paulistana em 2019, intitulado: *Leituras Errantes*. Os autores vêm apresentando ao longo da obra atravessamentos na escrita dos sujeitos, bem como no modo como esses sujeitos interpretam os textos.

Riolfi e Barzotto (2019) marcam a relação do sujeito com o significante e a conquista pela sua autoria, por conseguir não apenas se colocar no texto, mas permitir que alguns atravessamentos próprios de seu estilo de escrita, transpareçam ali. A autora cita Ginzburg (1989), também evidenciado nessa pesquisa, ao dizer que a melhor maneira possível de reconstruir uma interpretação pertinente é nos sustentando pelos indícios.

Ainda no mesmo trabalho, Riolfi e Barzotto (2019) correlacionam a errância da escrita com as vicissitudes da relação do sujeito com o significante que o constitui (LACAN, 2001 [1964]).

Mais especificamente, estamos nos referindo a dois aspectos. O primeiro é o da repetição inconsciente. Presos na repetição inconsciente, os leitores limitaram-se a, de maneira irrefletida, realizar, no novo contexto, as ações que vinham realizando nos precedentes. Não leram as instruções, não foram sensíveis à lógica do conjunto das gravuras ao qual estavam sendo expostos e, tampouco, deram ouvidos àquilo que, em linguagem comum, chamamos de “desconfiômetro”: a capacidade de perceber que alguma coisa não parece bem do modo como está sendo conduzida. Consequentemente, não deram mostras de ler adequadamente ao escrever. (RIOLFI, BARZOTTO, 2019, p. 208)

A experiência pessoal da escrita que adquirimos na escola segue uma lógica de reprodução de conteúdo que ali foi exposto para somente depois, entrar num processo de aprendizagem em si. A autora nos traz essa reflexão ao apresentar que a tendência maior das pessoas que passaram pelo experimento era de copiar aquilo que estava sendo ditado, ordenado, sem antes mesmo, ler atentamente, “Na instituição escola, não era esperado que os alunos questionassem a pertinência ou veracidade dos textos dados a ler, mas, sim, que os reproduzissem” (RIOLFI, BARZOTTO, 2019, p. 209).

O trabalho consiste em mostrar que as leituras errantes podem ser consideradas reflexos da ação de um leitor que tem dificuldade em entender o

movimento feito por quem fez o texto, e por conseguinte, analisar os estranhamentos gerados por uma leitura considerada por ele, inesperada.

Outro aspecto considerado pelos autores foi a compreensão do narrar, para eles, “Narrar é contar uma história com verossimilhança” (Riolfi, Barzotto, 2019, p.185), para que a partir desse narrar seja possível investigar os recursos utilizados para compor uma narrativa de cunho informativo, (auto)biográfico ou ficcional; analisando os sentidos mobilizados na escrita e a presença.

Com Bourdieu pensamos que o campo estabelece as modalidades de consagração e reconhecimento, o que confere sua relativa autonomia — os critérios não são impostos de fora, pelo estado ou pelo mercado, por exemplo, mas são constituídos a partir de dentro, o que permite que se regule a si mesmo.

O processo de autonomização do campo é resultado de um lento trabalho de “alquimia” histórica; através da análise da história do campo é que se obtém a análise de sua legítima existência. No caso da psicanálise, pode-se analisar o que é teoria psicanalítica e o que não é teoria psicanalítica somente a partir do processo de autonomização do campo de produção da psicanálise que, como vemos, se refere ao seu desenvolvimento histórico, com suas dissidências, rupturas, enfim, lutas concorrenciais, oposição de forças, jogos de poder, temáticas dentro do campo macro, como apresentado nessa pesquisa, psicanálise e educação na universidade brasileira.

Destacando essas diferentes produções, temos o livro, *As abelhas não fazem fofoca, estudos psicanalíticos no campo da educação (2021)*. O título do livro faz alusão direta a uma passagem de Freud em *Mal Estar na Civilização (1930)*, na qual o autor se questiona sobre o porquê os animais não exibem os mesmos mecanismos de socialização que os humanos, e a intenção dos autores do livro, apresentado por eles ao longo dos textos e na live de lançamento do livro no Youtube, de que as abelhas não fazem fofoca, porque elas não são dotadas da linguagem, e não passam por um processo de educação como os humanos, ou seja, atravessados por outros humanos.

O livro faz parte da coleção *Psicanálise e Educação*, coordenada pelo Leandro de Lajonquière no Instituto Langage em São Paulo, sendo as outros coordenadores desta edição, Janaína Rosado e Marcos Pessoa, e também é o segundo livro desta coleção, que tem por objetivo homenagear o professor Leandro

de Lajonquière, compilando as recentes pesquisas de seus orientandos no campo da psicanálise e educação.

O destaque para essa obra, se faz também em sua divisão, a primeira parte – Da Docência, segunda parte – Da Inclusão, terceira e última parte – Da Linguagem.

Lajonquière também utiliza a alegoria das abelhas em seu livro *Figuras do Infantil*, e ainda hoje, em seus seminários ministrados na USP. Diferentemente da comunicação consistente das abelhas, a linguagem humana é marcada por equívocos, imprecisões e ambiguidades; enquanto uma abelha se utiliza de uma comunicação precisa, o que por sua vez a impossibilita de falar de algo que ela própria não testemunhou, ou seja, elas não podem fazer fofoca.

O desejo de saber, permeia os textos do primeiro eixo sobre docência e voltam-se para o ato educativo. No momento intitulado da inclusão, os textos abordam questões referentes a entrada das crianças na escola e as dificuldades enfrentadas ao longo desse processo. A última e não menos importante parte desse compilado, retoma a ideia de que tanto a experiência freudiana quanto a educação são unicamente possíveis no interior do campo da palavra e da linguagem, o que por sua vez explica a forte influência que percebemos da psicanálise francesa nos trabalhos de psicanálise e educação, uma vez que Lacan se remete a força da linguagem e da palavra em toda sua obra.

Ao pensarmos na linguagem, junto dela, vem as questões da comunicação daquela criança no mundo e as formas que ela é inserida em uma comunidade.

Kupfer (2019) nos apresenta, questionamentos acerca da função exercida por um espaço de acolhimento para crianças de até três anos e seus pais, cujo funcionamento se inspira no modelo francês da *Maison Verte* (Casa Verde), criada por iniciativa de Françoise Dolto em 1979.

No estudo de caso a autora propõe investigar a forma como os educadores que se ocupam de bebês nas creches participam de seu desenvolvimento e subjetivação. Seu estudo parte de uma concepção da educação orientada pela psicanálise, segundo a qual participaria da constituição do sujeito.

Jamila nos dá a ver, de imediato, sua hipotonia e inibição corporal, determinantes em sua aparente ausência de prazer em brincar. Na semana seguinte, a mesma cena se reproduz. Sua mãe está mais presente no contato com ela e lhe propõe diversos brinquedos, mas Jamila não procura nem tocá-los. A primeira fala muito sobre sua filha neste dia, enumera tudo o que sabe fazer em casa e discorre sobre os benefícios do aleitamento materno. Aos poucos, Jamila começa a se deslocar pelo espaço da sala. Quando se aproxima do pé de um pequeno escorregador, inclinando-se

sobre seu pequeno degrau, a mãe precipita-se, afirmando que é muito perigoso, e coloca-a sentada longe dali, sem lhe dizer nada. Jamila também começa a se interessar pelos brinquedos que sua mãe lhe oferece, por vezes segurando-os ou colocando-os na boca, mas, ao constatar que ela não brinca como lhe diz para fazer, a mãe se distancia. Nesses acolhimentos, não há momentos de brincadeiras entre Jamila e sua mãe, nem com outras pessoas (KUPFER, 2019, p. 339).

A fala aparece não apenas nesse trabalho, mas nos demais citados ao longo dessa pesquisa, como um dos principais pontos da interseção entre os campos da psicanálise e educação.

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (2001[1953]) utiliza a expressão “fala verdadeira”, ele se inspira na análise feita por Heidegger sobre a verdade nos pré-socráticos. O termo verdade tira seu sentido da palavra grega *alethéia* como desvelamento e jamais no sentido de *adequatio*, como correspondência da ideia à coisa. É algo que surge, que aparece na análise pela interpretação ou quando há uma falta na fala, seja em um lapso, seja em um chiste. Lacan utiliza a palavra “revelação” quando ele escreve: “A ambiguidade da revelação histórica ... ela nos apresenta o nascimento da verdade na fala e, através disso, esbarramos na realidade do que não é nem verdadeiro ou falso” (p. 257). E ele continua:

Pois a verdade dessa revelação é a **fala presente**, que a atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade. Ora, nessa realidade, somente a **fala testemunha a parcela dos poderes** do passado que foi afastada em cada encruzilhada em que o acontecimento fez a sua escolha. (Lacan, 2001 [1953], p. 257, **grifos nossos**)

O efeito e o poder da fala nos remetem aquilo que é primordial também no ato de educar, a própria aquisição da linguagem e os efeitos que ela pode produzir no desenvolvimento das crianças. Como já visto ao longo desse capítulo, existe algo de poderoso na fala dos pais e dos professores que faz com que os alunos possam continuar a desejar, acreditem que a aposta numa vida adulta seja possível.

Para Lacan, a palavra se liga a identificações imaginárias que posteriormente, quando atravessadas pelo silêncio do analista pode produzir um abismo que o leva a um estado originário de desejo. Aqui pensamos através dessa intervenção, também pela figura do professor, que uma vez que mantém o lugar de suposto saber a seus alunos, pode continuar a produzir o desejo por, de seus alunos.

Aqui as beiras de nosso momento de conclusão, nos reencontramos com o eco de uma das mais importantes contribuições da psicanálise à educação, a transferência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre psicanálise e educação vem de longa data, desde que Freud demonstrou seu interesse pela pedagogia na intenção de possibilitar uma melhor compreensão por parte dos educadores sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente (FREUD, 2006 [1913]).

Podemos dizer que os professores exercem grande influência sobre a criança por estarem investidos da relação afetiva primitivamente dirigida ao pai, sendo representado por aquele que detém o saber sobre a criança, que tem o poder. Vimos ao longo do capítulo terceiro que os sentimentos de admiração e de respeito são transferidos do pai para a figura do professor, na esperança de aquela figura o guiará no processo de autoconhecimento.

A transferência, primeiramente tratada na relação médico-paciente, foi vista por Freud como se dando também nas mais diversas relações estabelecidas pelo indivíduo na sua vida. Freud (2006 [1912]) fala de "clichês" ou "séries" psíquicas formadas pelo indivíduo a partir de vivências infantis e que determinam a modalidade especial de sua vida erótica. Dessa maneira, podemos dizer que o professor é objeto de transferência e está ligado a "protótipos", principalmente à imagem do pai, mas que podem também estabelecer-se conforme a imagem da mãe, do irmão, ou seja, das pessoas estimadas ou respeitadas.

Ainda ao longo dessa pesquisa, pudemos salientar que outra importante contribuição da psicanálise para a educação é encontrada em autores que foram influenciados também pela releitura lacaniana da obra de Freud. Mannoni (1973) observa que, na relação professor-aluno, é criada uma barreira entre o um professor "que sabe tudo" e um aluno "que não sabe nada", que garante e contém um conjunto de proteções e resistências.

A pedagogia funciona como uma espécie de repetição das situações da vivenciadas no ambiente familiar. Na escola, o desejo de saber do aluno se confronta com o desejo do professor, que está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, desde o início, e que se interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno. O professor espera do aluno um saber que lhe falta, e o aluno, por sua vez, se defende com medo de se ver frustrado no produto do seu trabalho. O aluno se encontra numa relação de poder, sujeito a um desejo inconsciente do professor, que pode chegar a ser bloqueador em seu próprio aprendizado.

A palavra é a fala endereçada tanto a um outro próximo quanto ao grande Outro da linguagem. Esse endereçamento pressupõe o sujeito, assim como implica todo e qualquer sujeito humano. O sujeito é aquele do inconsciente, ou seja, isso que “um significante representa [...] para um outro significante” (LACAN, 2011 [1960], p.819).

Então, o sujeito do inconsciente causa materialmente o pensar, assim como Freud afirmava que todo pensamento era primeiramente inconsciente. Por sinal, esta afirmação nos permite retomar a outra lacaniana “dizer que o sujeito sobre o qual operamos na psicanálise não pode ser outro que o sujeito da ciência, pode parecer paradoxal” (LACAN, 2001 [1965], p.858) e, assim, dizemos que a psicanálise não se opõe à ciência, como costumamos ouvir por aí.

Retomamos aqui o pensar sobre quais as contribuições da psicanálise à educação. E também, o que vem sendo produzido no espaço da universidade brasileira acerca dessa intersecção de campos.

A ilusão (psico)pedagógica mascara a fragilidade inerente a todo laço educativo e, portanto, cabe à psicanálise na educação visar à sua dissolução para, assim, possibilitar que os adultos venham a endereçar a palavra a uma criança no nome (im)próprio do desejo em causa no ato, e não em nome dessa miragem que chamamos natureza psicológica.

A contribuição então, está na possibilidade de trazer ao consciente, a partir da análise das práticas educativas, conteúdos do inconsciente do professor de forma a elucidar o porquê de algumas ações em sala de aula. Portanto, a importância da Psicanálise na formação dos educadores não está no sentido de lhes proporcionar mais uma técnica pedagógica, desenvolvida a partir de uma teoria desvinculada da prática, mas, sim, de remeter-lhes a um constante questionamento sobre sua prática pedagógica e sua relação com o educando.

Assim, ao longo dessa pesquisa e das produções do campo psicanálise e educação, foi possível ver que uma educação que se preze implica na transmissão de marcas de pertencimento ou filiação que possibilitam a uma criança conquistar para si, um lugar de palavra numa história em curso. Por outro lado, o discurso (psico)pedagógico hegemônico, torna a educação um fato de difícil acontecimento.

Não podemos prever, nem prevenir o que irá acontecer na educação, mas não temos dúvidas que dispor-se a educar invocando a natureza seja o caminho

mais curto para curto-circuitar o trabalho da criança de se fazer um lugar como sujeito no mundo.

Há algo no campo da psicanálise que ainda nos dias de hoje, os outros campos do conhecimento buscam uma resposta e ou amparo para suas questões, e o mesmo acontece com o campo da educação, o qual nos debruçamos aqui nessa pesquisa.

Bourdieu nos diz que o capital simbólico de uma área é findado não somente naquilo que uma determinada se propõe a entregar, mas sim, na possibilidade de estabelecer diálogo com os demais, e na ocupação de diferentes espaços. A psicanálise na universidade, é uma das formas de intervenção da área, aqui vimos com a psicanálise em intenção (a própria análise) e a em extensão (nas escolas de psicanálise, universidades e outros).

A produção do banco de dados, foi de suma importância para visualizar onde há produção em psicanálise e educação no Brasil, em quais regiões e programas de pós-graduação, bem como, nos auxiliaram na compreensão macro da interseção entre os dois campos, a psicanálise e a educação.

De acordo com os dados, foi possível perceber uma presença marcante de pesquisadores oriundos do campo da psicologia, ou seja, que possuem sua formação em nível de graduação nesta área, bem como é o meu caso aqui tecendo essa pesquisa à vocês. Pensamos que essa forte presença se faz também pelo próprio modo como os cursos de graduação em psicologia são oferecidos no Brasil, e a forma como a psicanálise é apresentada ali na grade curricular como se fosse uma espécie de “abordagem da psicologia”, e não uma teoria e prática isoladas do fazer do psicólogo.

Durante a produção dessa pesquisa, mais precisamente em novembro de 2021, foi aprovado pelo MEC, um curso em nível de graduação de psicanálise pela Uninter, o que por sua vez gera vários problemas e discussões no âmbito da prática e reconhecimento dos psicanalistas. Por outro lado, também podemos pensar enquanto um efeito direto da educação à psicanálise, e não só o contrário.

Penso que o aumento do ensino remoto durante a Pandemia do Covid-19 criou um aumento na procura por cursos oferecidos à distância, e o mesmo está acontecendo com a psicanálise nesse ano de 2022, sendo iniciada a primeira turma de graduação a distância. Aqui cabe pensarmos nos efeitos produzidos para se

pensar ainda, qual o lugar da psicanálise nas produções de conhecimento de hoje? Por que agora se faz necessário a implementação desse curso?

Ao longo dessa pesquisa nos debruçamos sobre uma parte disso, e quase ao final dela, nos surge um efeito que vale a pena ser retomado em pesquisas futuras, para que possamos observar o decorrer deste processo.

Acreditamos que esse seja um ponto de suma importância para se pensar a forma como a psicanálise vem se inserindo dentro das universidades nos últimos anos, onde essa encontra amparo. O curso de psicologia por sua vez, foi uma das formas possíveis para que a psicanálise pudesse ser apresentada aos estudantes, e aqueles que assim o desejassem, pudessem buscar saber mais sobre ela, fora do ambiente acadêmico, para não ficar preso justamente no que Lacan denomina como discurso universitário e do mestre.

A concentração das produções por regiões, foi algo que também se mostrou evidente para nós ao longo dessa pesquisa.

O Sudeste é a região que mais produz conhecimento entre as áreas de psicanálise e educação nas universidades brasileiras. Das produções atuais apresentadas em nosso panorama, todas foram de pessoas que tiveram suas formações universitárias em algum momento ligadas ao estado de São Paulo e ou Universidade de São Paulo, o que mostra uma validação e reconhecimento desse espaço por esse tipo de pesquisa. Pensamos que também se faz pela presença do professor Leandro de Lajonquière, importantíssima referência na área, e as discussões que ele mesmo vem produzindo em conjunto com seus orientandos e ex orientandos, como o caso do livro, *As abelhas não fofocam*, já citado aqui anteriormente. A figura de Leandro produz muito impacto nas produções, ainda nos dias de hoje, o que também explica a referência a psicanálise Lacaniana encontrada nos trabalhos produzidos. Leandro é francês e psicanalista Lacaniano.

Dito isto foi possível notar que compreensão se trata de um campo que vem buscando se estabelecer na universidade por meio de determinadas estratégias, como: grupos, publicações, orientações, disciplinas etc. Há uma certa tradição na continuação e avanços do pensamento psicanalítico na educação apresentados por Lajonquière, bem como, por outros orientadores como no caso de Barzotto e Voltolini, que ainda produzem conhecimento nos grupos de seus ex - orientadores.

Escrever sobre o processo nunca é fácil, porque no próprio ato de escrever, ainda estamos no processo, como esse agora que aqui me coloco a tecer com

vocês em meu próprio âmbito formativo, no que foi possível sentir ao longo deste processo solitário de escrita. Dunker (2020) em seu texto acerca das produções psicanalíticas no momento das dissertações e teses, ressalta a angústia da tese e sua importância para a produção de sentido. Segundo ele, a angústia aparece não somente pelo ato de escrever, mas sim, pela ausência de troca com seus pares e de medo por um não reconhecimento de seu fazer.

Um dos principais pontos a ser considerados em minhas pesquisas futuras e, claro, na daqueles que assim desejarem, se faz pensar um pouco mais acerca do trabalho do professor e o reconhecimento de seu fazer.

Pensamos que este trabalho implica em endereçar-se às crianças professando certas verdades disciplinares, o que por sua vez traz à tona dois pontos a serem considerados: o primeiro deles é o da relação íntima do professor com aquilo que ele tem a professar (entendido aqui, como aquilo que o professor têm a transmitir publicamente a seus alunos); o segundo diz respeito ao próprio ato de transmissão da educação que visa o encontro e desencontro com os alunos, mas também exige o encontro com o seu lado adulto, o seu ser professor.

Pensar em pesquisas futuras a partir dos efeitos da palavra. Todo aquele que professa, se autoriza a professar de si mesmo na sua relação com os outros e na que procederam antes dele.

Com as palavras de Catherine Millot, finalizamos por ora, essa discussão: “Tudo o que o pedagogo pode aprender de análise e pela análise é saber colocar limites a sua ação: saber que não pertence a ordem de nenhuma ciência, se não, da arte” (MILLOT, 1979, p.205).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, J. L. F. **A história da psicanálise no Brasil**. São Paulo: Escuta, 2001.
- ABRÃO, J. L. F. “Um inventário das relações entre Educação e Psicanálise no Brasil: perspectiva histórica”. In: OLIVEIRA, M. L. O. (org.). **Educação e Psicanálise: história, atualidade e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.196-207.
- ABRÃO, J. L. F. As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 233-239, 2006.
- BIRMAN, J. “Retomando a história”. In BIRMAN, J. (Org.). **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988.
- AGUIAR, T. B. **Jan Hus: cartas de um educador e seu legado imortal**. 1. ed. São Paulo: Editora Annablume, 2012. v. 1. 441p.
- AGUIAR, T. B.; FERREIRA, L. H. **Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente**. EDUCAR EM REVISTA, v. 37, p. e74451-22, 2021.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1998.
- BOURDIEU, P. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983.
- BOURDIEU, P. “O campo científico”. In: ORTIZ, R. (Org.); FERNANDES, F. (Coord.). **Pierre Bourdieu**. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983, p.79-132.
- CÔRREA, C.R.G.L. **A inauguração da interlocução entre a educação e a psicanálise no Brasil: Arthur Ramos, transferência, ideal e autoridade**. Psicologia USP, São Paulo, v.22, n.4, p.789-812., 2011.

COUTINHO, A.B.V; PATTO, M.H.S. **A inserção da psicanálise no campo educacional: apropriações de um discurso**. 2007. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DUNKER, C.L.I. **A paixão da ignorância: a escuta entre psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FIGUEIREDO, A. C. O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro na década de 70. In BIRMAN, J. (Org.). **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988.

FREUD, S. "Totem e Tabu". In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-155.

FREUD, S. "A História do Movimento Psicanalítico". In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.245-327.

FREUD, S. "A questão da análise leiga". In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006, p.125-230.

FREUD, S. "Mal-estar na Civilização". In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-122.

FREUD, S. "Novas Conferências Introdutórias a Psicanálise Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações". In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 167- 191.

GALVÃO, L. A. P. **Notas para a história da psicanálise em São Paulo**. Revista Brasileira de Psicanálise volume 50, n.1, p. 28-43 - 2012.

GATTI, B. **Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil Contemporâneo**. Cad. Pesquisa São Paulo, n. 113, jul. 2001.

KUPFER, M. C. M. **Freud e a Educação: O Mestre do Impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

KUPFER, M. C. M. **Educação para o Futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2001.

KUPFER, M.C.M. **A função de intervalo para o espaço de acolhimento para pequenas crianças e seus pais**. Rio de Janeiro: Ágora, 2019.

LACAN, J. **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [1953].

LACAN, J. **O seminário, livro 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [1960].

LACAN, J. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [1965].

LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Em J. Lacan, Escritos (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [1953].

LAJONQUIÈRE, L. **Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica: escritos de psicanálise e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAJONQUIÈRE, L. **Elucidação comparativa dos estudos em psicanálise e educação na França e no Brasil: a psicanálise aplica-se à educação?** São Paulo: Educar, 2017, p. 21-38.

LIMA, D. M. O. "Uma abordagem sociológica para a constituição, legitimação e autonomização da psicanálise como um campo". In: TEIXEIRA, A. (org).

Especificidades da ética da psicanálise. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2005.

LINS, F. **A psicologização da psicanálise na educação:** um estudo da conexão psicanálise e educação em São Paulo - Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARCONDES, D. **A Medicina e a Psicologia.** São Paulo: Martins, 1951.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo.** Zahar, 2001.

MONTEIRO, E.A. **Entre Professor e Aluno:** um estudo psicanalítico sobre transferência. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2016.

MOKREJS, E. **A psicanálise no Brasil:** as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, C. L. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. Rio de Janeiro: Ágora, 2002.

OLIVEIRA, C. L. A historiografia sobre o movimento psicanalítico no Brasil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, cidade? v.5, n.3, p.144-153, 2002.

OLIVEIRA, C. L. História da psicanálise - São Paulo (1920-1969). São Paulo: Escuta, 2006.

RAMOS, A. **Educação e Psicanálise.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

RAMOS, A. **A criança problema.** Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1947.

RIOLFI, C; BARZOTTO, V,H. **Leituras Errantes.** Coleção Sobrescrita. São Paulo: Editora Paulistana, 2019.

ROUDINESCO, E.; RIBEIRO, V. **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo.** São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.

SILVA, D. **Feminismo sem demagogia – original:** como recursos textuais e discursivos podem indicar o pertencimento da página ao campo político. Brasil. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, São Paulo, 2020.

VOLTOLINI, R. A. **Questão da Vocação:** Psicanálise e Educação. 1999. Tese (Doutorado em Psicologia, IPUSP, São Paulo, 1999.

VOLTOLINI, R; GURSKI, R. **Retratos da Pesquisa em Psicanálise e Educação.** São Paulo: Editora ContraCorrente, 2020.